



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA**

**MUNDO ADMINISTRADO E REGRESSÃO DO PENSAMENTO EM THEODOR  
ADORNO**

**CAMPINA GRANDE-PB  
2017**

CESAR FERREIRA DA SILVA

**MUNDO ADMINISTRADO E REGRESSÃO DO PENSAMENTO EM THEODOR  
ADORNO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

**Área de concentração:** Filosofia Contemporânea.

**Orientador:** Prof. Dr. Reginaldo Oliveira Silva.

**CAMPINA GRANDE-PB  
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586m Cesar Ferreira da Silva  
Mundo administrado e regressão do pensamento em Theodor  
Adorno [manuscrito] / Cesar Ferreira da Silva. - 2017.  
70 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.  
"Orientação: Prof. Dr. Reginaldo Oliveira Silva,  
Departamento de Filosofia".

1. Dialética do esclarecimento.. 2. Regressão do  
Pensamento. 3. Indústria Cultural. I. Título.

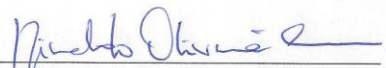
21. ed. CDD 101

CESAR FERREIRA DA SILVA

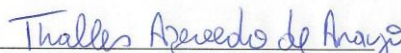
**Mundo administrado e regressão do pensamento em Theodor  
Adorno**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Graduação em Filosofia da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do  
grau de Licenciado em Filosofia.

Aprovado em 27/04/2017.



Prof. Dr. Reginaldo Oliveira Silva / UEPB  
Orientador



Prof. Dr. Thalles Azevedo de Araújo / UEPB  
Examinador



Profª. Ma. Larissa Sousa Fernandes / UFCG  
Examinadora

A minha esposa, Ivônia Barbosa. Você que é a minha escolha. E saiba que eu nunca acertei tanto como quando eu disse “sim”. E eu nunca quis tanto continuar dizendo “sim” todos os dias, para a mesma pessoa, o resto da minha vida, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Sebastião e Maria de Fátima, por tudo o que fizeram e ainda fazem por mim; sei que esse título também é uma extensão deles.

Aos meus irmãos, Andrea, Sérgio, André, Adrine e Andreza.

Ao professor Reginaldo Oliveira Silva, meu orientador nessa monografia, pela dedicação, disponibilidade e paciência. E aos professores do curso de graduação de Filosofia da UEPB, que contribuíram ao longo de cinco anos, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Em nome de Jamily Alves e Janaina Barbosa, saúdo aos amigos de classe pelos momentos de amizade e apoio.

E, sobretudo, a Deus, Ser do qual não se pode pensar nada maior.

Se ele sai voluntariamente de seu elemento crítico como um mero instrumento a serviço da ordem existente, ele tende, contra sua própria vontade, a transformar aquilo que escolheu como positivo em algo negativo, destrutivo (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 12).

## RESUMO

Diante do progresso do esclarecimento sob a forma de ciência positiva, a questão central que essa monografia apresenta tem a ver com a mudança de programa dos fragmentos da *Dialética do Esclarecimento*. A partir dessa abordagem teórica, procura-se mostrar, de um lado, a regressão do esclarecimento como dominação pelo trabalho, e, por outro, compreender a regressão do esclarecimento à ideologia. O progresso da racionalidade técnica levou o esclarecimento a reverter-se em uma dominação cega, tanto por mecanismos impostos pelo trabalho quanto por aqueles aprimorados pela ideologia dominante da indústria cultural, pois que contribuíram para tornar o mundo administrado e a levar o pensamento à regressão. Perdendo seu caráter superador, os indivíduos sabem administrar o mundo, mas não capazes de pensá-lo.

**Palavras-Chave:** Adorno. Esclarecimento. Mundo Administrado. Regressão do Pensamento. Indústria Cultural.



## ABSTRACT

Faced with the progress of enlightenment in the form of positive science, the central question that this monograph presents has to do with the program change of the fragments of the Dialectic of Enlightenment. From this theoretical approach, we try to show, on the one hand, the regression of enlightenment as domination by work, and, on the other hand, to understand the regression of enlightenment to ideology. The progress of technical rationality led to enlightenment reversing into blind domination, both by mechanisms imposed by labor and by those enhanced by the prevailing ideology of cultural industry, as they contributed to making the world run and bringing thought to regress. Losing their overcoming character, individuals know how to manage the world, but not able to think it.

**Keywords:** Adorno. Clarification. Managed World. Regression of Thought. Cultural Industry.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	9
2	Adorno e a problemática do esclarecimento: aspectos introdutórios .....	12
2.1	Adorno e a Escola de Frankfurt .....	12
2.2	A mudança de programa dos fragmentos da <i>Dialética do Esclarecimento</i> .....	17
3	A regressão do esclarecimento como dominação pelo trabalho .....	22
3.1	Do mito ao esclarecimento e do esclarecimento ao mito.....	22
3.2	O esclarecimento como progresso da dominação .....	32
3.3	O esclarecimento e mundo administrado .....	38
4	A regressão do esclarecimento à ideologia .....	44
4.1	A indústria cultural como administração dos bens culturais .....	44
4.2	A indústria cultural como dominação do tempo livre .....	53
4.3	A indústria cultural como esclarecimento e ideologia .....	61
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	66
	REFERÊNCIAS .....	68

## 1 INTRODUÇÃO

Com o processo de mitologização do esclarecimento sob forma de ciência positiva, o conhecimento é pautado nos aspectos de poder, controle e dominação.

O homem torna-se o senhor todo poderoso, graças ao saber que é poder, alcançado o poderio de saber das coisas: tanto o homem como a terra totalmente esclarecida entram na mais profunda calamidade de todos os tempos, arruinada pelo processo de racionalização, no qual o indivíduo é refém de uma sociedade marcada pelo amplo processo de esclarecimento, que culmina na administração do mundo e na regressão do pensamento.

A partir de tal constatação, a pesquisa ora desenvolvida, sob o título *Mundo administrado e regressão do pensamento em Theodor Adorno*, investiga as bases e os meandros do processo de regressão do pensamento, a partir de sua *Dialética do Esclarecimento*.

Na medida em que os homens se libertam das potências míticas da natureza, o mundo passa a ser reconhecido sob o viés da logística administrativa, segundo o qual o indivíduo esclarecido e civilizado ganha representabilidade diante do contexto moderno. Em meio à sociedade do trabalho, o esclarecimento em sua forma regressiva apodera-se do poder e do controle, com a finalidade de dominação. Deste modo, a racionalidade técnica torna o homem ainda mais alienado pelo poder de saber das coisas, chegando ao ponto de ele mesmo tornar-se por si um refém do próprio poder que alcançou, dominado e administrado pela regressão do esclarecimento como dominação pelo trabalho.

Com a indústria cultural, surge uma nova aliança de dominação: a ideologia dominante, que, por meio de seus mecanismos, passa a impor à sociedade e aos indivíduos sua força alienadora. Nesse sentido, considerada elemento constitutivo do sistema de dominação presente no mundo, a indústria cultural é a base ideológica e totalitária que favorece a manipulação e a organização da sociedade de forma alienada e totalmente cega.

A profundidade da alienação vista por Adorno no esclarecimento não só atinge a relação do homem com as coisas, como também contribui para atacar e falsificar o cerne das relações humanas, com o objetivo de alcançar o predomínio sobre a natureza. De toda maneira, é a partir da indústria cultural que Adorno passa a compreender o mundo administrado, no qual, em meio à coesão social, o homem passa a ser dominado e controlado pela técnica, contribuindo, conseqüentemente, para a formação de indivíduos passivos e genéricos, incapazes de pensar por si mesmos, totalmente indiferentes à realidade vivida.

O interesse por esta temática justifica-se pela necessidade de compreender o mundo administrado e a regressão do pensamento, perpassando pela observação dos mais variados fenômenos sociais, tais como a guerra, a fome, a violência, a temeridade, entre outros, patentes no mundo contemporâneo, marcado pela evolução da ciência (técnica), pelo enaltecimento do indivíduo e suas formas de pensar racionalmente sobre as coisas que estão à sua volta, inclusive sobre ele mesmo.

Mediante a racionalidade técnica, o esclarecimento não atinge o objetivo de livrar o homem do medo ancestral diante das forças da natureza. O homem aprende e é estimulado a administrar; seu potencial volta-se ao domínio sobre a natureza. O caráter regressivo do esclarecimento permite que o ser humano pratique as mais variadas formas de barbárie contra a natureza e contra o seu semelhante. Neste caso, o mundo consagra-se aos aparatos técnicos e torna-se um campo de exploração sistemática, ocasionada pela forma como o pensamento passa a se impor.

Os objetivos dessa pesquisa consistem, nesse sentido, em realizar uma reflexão crítica sobre a administração do mundo e a regressão do pensamento, que, por meio do trabalho e da ideologia dominante, reverteu o esclarecimento em dominação cega.

O progresso da racionalidade técnica imposta pelos mecanismos do trabalho, bem como aqueles aprimorados pela indústria cultural, contribuíram para administrar o mundo e levar o pensamento à regressão, perdendo, assim, seu caráter superador. Desse modo, os objetivos da pesquisa são sintetizados a partir dos seguintes pontos: analisar a problemática do esclarecimento contido na obra *Dialética do Esclarecimento* e contextualização do autor; compreender a mudança de programa dos fragmentos da *Dialética do Esclarecimento*; refletir sobre a regressão do esclarecimento, como dominação pelo trabalho quanto como mecanismo ideológico.

O trabalho metodológico desenvolvido nesta pesquisa parte da análise da *Dialética do Esclarecimento* e também de outras obras de Theodor Adorno que contribuem consistentemente na abordagem do tema. Obras secundárias de comentadores, obras específicas de autores que abordam a temática estudada, bem como meios de informação em periódicos (revistas, boletins, jornais), além das pesquisas encontradas em sites da internet (bibliotecas digitais e sites para pesquisas científicas), também constituem as bases deste trabalho, dando um auxílio sistemático na pesquisa.

No primeiro capítulo, intitulado “Adorno e a problemática do Esclarecimento: aspectos introdutórios”, são apresentados o contexto, o filósofo contemporâneo Theodor Wiesengrund Adorno e a problemática acerca do esclarecimento, bem como a familiaridade e

experiências de Adorno com a Escola de Frankfurt. Em seguida, desenvolve-se a mudança ocorrida no programa dos fragmentos da *Dialética do Esclarecimento* a partir da mitologização do esclarecimento.

No segundo capítulo, “A regressão do Esclarecimento como dominação pelo trabalho”, analisa-se a intrínseca relação entre mito e esclarecimento e vice-versa, mostrando o entrelaçamento entre ambos ao longo da história do pensamento, em especial a partir da *Odisseia* de Homero, um dos mais precoces e representativos testemunhos da civilização burguesa ocidental. Discute-se, ainda, sobre o esclarecimento como progresso da dominação, revelando a negação dos mitos e a distinção entre o sujeito e o objeto no processo civilizatório; e sobre esclarecimento e mundo administrado, a passagem da natureza para a cultura e todos os aspectos que culminam em dominação, resultando na administração do mundo.

Em “A regressão do esclarecimento à ideologia”, a abordagem é sobre a indústria cultural e seus mecanismos ideológicos, cuja finalidade é ascender à ideologia dominante e à administração dos bens culturais, incluindo a própria consciência humana, que se vê controlada. Assim, relata-se a relação existente entre o tempo livre e a indústria cultural como uma relação de puro domínio, na qual o indivíduo é condicionado, visto como mero objeto à disposição da indústria cultural, como meio e fim para a obtenção de lucros. E, por fim, discute-se a postura assumida pela indústria cultural, como recurso ideológico e dominante, que passa a ditar sua ordem no mundo, de forma totalitária e eficaz.

Guiando as discussões acima elencadas, este estudo adota as seguintes hipóteses: quanto ao mundo administrado, a crítica realizada por Adorno estaria associada à mitologização do esclarecimento, que, sob forma de ciência positiva, perde seu caráter superador; diante do progresso emancipatório, o autor observaria que a sociedade está contaminada por mecanismos e artimanhas da indústria cultural, que falseiam a realidade; a regressão do esclarecimento como dominação pelo trabalho, os mecanismos aprimorados pela técnica, em especial pela indústria cultural, teriam favorecido a uma dominação cega na sociedade atual, fato que levou à regressão do pensamento.

A partir dessas hipóteses, é possível alcançar luz sobre a crítica social que investiga a construção de uma sociedade que forma indivíduos genéricos, irracionais e alienados, resultantes da perda da capacidade crítica promovida pelos mecanismos da dominação pelo trabalho e pela ideologia da indústria cultural, consolidando a dominação do homem sobre a natureza, e, posteriormente, do homem sobre o próprio homem.

## 2 ADORNO E A PROBLEMÁTICA DO ESCLARECIMENTO: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

*O que nos propuséramos era, de fato, nada mais do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie.*  
Adorno e Horkheimer

### 2.1 Adorno e a Escola de Frankfurt

Segundo Jimenez (1977), Theodor Wiesengrund Adorno nasceu em Frankfurt, Alemanha, em 1903, filho de pai alemão, um rico comerciante de vinho, e a mãe cantora, de origem italiana. Adorno cresce em um ambiente familiar amante da música. Sua tia materna, Agathe Adorno, música falecida em 1938, contribui de maneira decisiva para o despertar do jovem para as aptidões ligadas à música. Mas, além da música, outra aptidão intelectual faz com que Adorno adentre os questionamentos dos fenômenos sociais: a Filosofia.

Após defender sua tese de doutorado em 1923, sobre Husserl (porém não publicada na Universidade de Frankfurt), decide mudar-se para Viena, no ano seguinte, onde estuda composição musical, com Alban Berg, e piano, com Steuermann, durante um ano. No tempo que passou em Viena, sua preocupação foi, essencialmente, em relação à música contemporânea, permanecendo até 1930, aproximadamente.

Na Segunda Guerra Mundial, Adorno não se exila rapidamente, já que a repressão é mais ligada aos judeus. Por ele ser filho de pai alemão, julga mais prudente emigrar para a Inglaterra, Oxford, período em que prepara seu doutorado em inglês. Após esse período, parte para os Estados Unidos, para se exilar, em 1938, quando chega a Nova Iorque.

Não esteve entre os colaboradores mais próximos de Horkheimer, e, como teve sua autorização para lecionar em cursos superiores cassada pelos nazistas, vai trabalhar num projeto de pesquisa em rádio – recebera, através de Horkheimer, um convite de Paul Lazarsfeld.

Durante o tempo que passou neste ambiente de trabalho, Adorno escreveu o artigo *Sobre o caráter de fetichismo e a regressão da audição* e realizou vários trabalhos de conexão mais direta com o projeto de pesquisa em rádio. Adorno aprofundou-se no conhecimento factual dos principais mecanismos de funcionamento da indústria radiofônica, revelando o caráter essencialmente manipulatório e opressor desses mecanismos.

Em 1941, quando termina sua participação no projeto, Adorno muda-se para os arredores de Los Angeles, local próximo onde residia Horkheimer há algum tempo. Ao se aproximar ainda mais de Horkheimer - que conhecera em 1921, ainda como estudante da Universidade de Frankfurt, desde 1919 -, ambos passam a trabalhar em colaboração em diversas obras - esse período é fundamental para o surgimento da *Dialética do Esclarecimento*.

Ao retornarem para a Alemanha, reconstituem o Instituto, dando-lhes um novo vigor. Adorno passa a colaborar de forma eficaz nos trabalhos do Instituto de Pesquisas Sociais. Seus escritos pessoais multiplicam-se sobre os mais variados assuntos, assumindo, na maior parte das vezes, postura polêmica e mordaz quanto às relações entre cultura e mundo administrado da sociedade industrial e burocrática atual.

A partir de 1956, Adorno engaja-se permanentemente nos conflitos que abalam a sociedade contemporânea. E suas intervenções multiplicaram através do rádio e de artigos publicados em diferentes jornais e revistas da República Federal. Entre 1968-69, Adorno encontra-se diretamente ligado aos movimentos estudantis de constatação, procurando estar presente a todas as discussões, colóquios ou seminários relacionados aos acontecimentos da época.

Em 6 de agosto de 1969, Adorno morre de enfarte, na Suíça, onde gostava de ficar durante as férias escolares. No ano seguinte, sua esposa, a Sra. Gretel Adorno, e seu aluno, e depois assistente e amigo, Rolf Tiedemann, começam a publicar os últimos escritos do filósofo, pela editora Suhrkamp, dentre eles, *A esthetische Theorie, Ausfütze zur Gesellschaftstheorie und Methodologie (Ensaio sobre a teoria e metodologia sociológicas); Erziehung zur Mündigkeit (Educação sobre a Maioridade) e Über Walter Benjamin (Sobre Walter Benjamin)*, que foram inseridos na edição das obras completas de Adorno.

A Escola de Frankfurt é considerada um fenômeno ideológico e teórico muito vasto e heterogêneo, constituído basicamente de personalidades das áreas de Humanas, que, a partir da análise crítica e fomentação das discussões, passam a compreender toda mudança na sociedade ocidental contemporânea.

Tais estudiosos dedicaram suas atividades a pesquisas, publicações de ensaios, artigos e livros sobre os mais variados temas referentes às ciências sociais, com o intuito de examinar criticamente as transformações ocorridas nas estruturas e organizações da sociedade ocidental, compreendendo, inclusive, as influências drásticas do capitalismo do século XX, que passam a moldar de modo significativo todo o comportamento em sociedade.

A chamada Escola de Frankfurt é definida, nas palavras de Assoun (1991, p. 19), como

[...] um *acontecimento* (a criação do Instituto), um *projeto científico* (intitulado “filosofia social”), uma atitude (batizada de “Teoria Crítica”), enfim uma corrente ou movimentação teórica ao mesmo tempo contínua e diversa (constituída por individualidades pensantes). Sendo isso tudo, é mais do que isso: um fenômeno ideológico que produz curiosamente os seus próprios critérios de identificação através do seu processo criador: é pelo menos a validade desta *aposta crítica* que é preciso examinar.

Em 1923, iniciam-se os primeiros movimentos desse Instituto de Pesquisas Sociais, localizado em Frankfurt, na Alemanha, e ligado à Universidade de Frankfurt, porém com autonomia e independência administrativa. O referido Instituto foi criado por iniciativa de Félix J. Weil, doutor em ciências políticas e responsável pela organização da “Primeira Semana de Trabalho Marxista”, que ocorreu em 1922, com o objetivo de propagar e propiciar a ideia de um marxismo “verdadeiro” ou “puro”.

Surge, assim, “a ideia de uma instituição permanente sob a forma de um Instituto de Investigação Independente, que se beneficiou de um donativo de Hermann Weil e de um contrato com o Ministério da Educação” (ASSOUN, 1991, p. 7).

Com o passar do tempo, o Instituto foi criando novas dependências, em outros lugares, e todo o trabalho desenvolvido neste órgão era divulgado periodicamente.

De acordo com Assoun (1991, p. 8),

a partir de setembro de 1933, a “Escola de Frankfurt” deixa de estar em Frankfurt, saindo a revista em França e sendo na Suíça o quartel-general. Esta expatriação durou até agosto de 1950, data na qual o Instituto retomou o seu trabalho nos locais do Kuratorium no Senckenberganlage e no que restava do Instituto, depois em novembro, num outro edifício, merecendo de novo, mas com dezessete anos de interrupção, a sua qualificação de frankfurtiana. Entretanto, com efeito, o Instituto ligara-se aos Estados Unidos: tendo o capital sido transferido para lá em 1941, o Instituto unira-se à Columbia University (n.º 429 da Rua 117 Oeste), sob proposta de Butler em 1934. Mesmo após o regresso a Frankfurt, a dependência nova-iorquina do Instituto manteve-se.

Cabe ressaltar que os primeiros intelectuais se juntam para tentar compreender “a vitória do nazismo e a derrota das esperanças revolucionárias” (MATOS, 2005, p. 8), buscando, em conjunto, encontrar o cerne da questão que levou a esse episódio trágico.

A este respeito, assevera Matos (2005, p. 8) que:

Os frankfurtianos desenvolveram uma explicação sobre o fenômeno do totalitarismo que é de *ordem metafísica*: é na constituição do conceito de



Razão, é no exercício de uma determinada figura, ou modo da racionalidade, que esses filósofos alojam a origem do irracional. Em nome de uma racionalização crescente, os processos sociais são dominados pela ótica da racionalidade científica, caracterizada pela filosofia positivista. Nesta perspectiva, a realidade social, a dinâmica, complexa, cambiante, é submetida a um método que se pretende universalizador e unitário, o método científico. O positivismo, prisioneiro de seus próprios métodos, impõe um procedimento não social às ciências sociais .

A estrutura que vai se afunilando na sociedade ocidental em virtude da crise econômica, da incapacidade de tolerância, da dominação, e, sobretudo, a partir tanto do fenômeno do totalitarismo quanto dos mecanismos impostos pelo capital, fazem com que a ciência (técnica) torne-se uma ferramenta irracional para dominar o mundo.

A diversidade de intelectuais que se integram ao movimento da Escola passa compreender a dinâmica totalitária, repressora e dominadora presente na relação entre o fascismo e o capitalismo. Com base na razão, tanto a sociedade como toda relação existente entre a natureza e o próprio homem são afetadas drasticamente pelo modo racional adquirido pela ciência positiva.

A Escola de Frankfurt funda-se em forte interação com a sociedade à luz de sua Teoria Crítica, passando, assim, a examinar “as transformações do mundo contemporâneo, seu ceticismo quanto aos resultados do engajamento político e revolucionário, mas também o desejo de autonomia e de independência do pensamento” (MATOS, 2005, p. 7).

A metodologia com que a Escola de Frankfurt estabelece sua Teoria Crítica a torna, em larga medida, uma *escola de desencantamento*. Assim, a crítica à racionalidade que desencanta o mundo dos frankfurtianos encontra elementos a partir da redenção nos românticos.

Segundo Assoun (1991), em 1931, Max Horkheimer torna-se diretor do Instituto, resolvendo a ambiguidade existente durante os primeiros anos do órgão, caracterizado por um projeto sociológico, mesmo sendo econômico. Desta maneira, à frente do Instituto, Max Horkheimer, designa a *filosofia social* como exigência metodológica deste órgão de pesquisa. Posteriormente, em 1958, com a participação de Adorno no papel de cofundador, torna-se diretor. Sobre esta parceria, Ferreira (2008, p. 332) afirma que

Adorno e Horkheimer fazem um tipo de macro-sociologia, em que o indivíduo aparece refém de uma sociedade marcada pelo amplo processo de “esclarecimento”. Vivendo no conturbado contexto da Alemanha nazista, suas observações são frutos do combate ao processo de racionalização que foi exacerbado com o Iluminismo. O nascimento dessa escola tem tudo a ver com o clima de mobilização da esquerda tradicional que emergiu na Europa

entre guerras, com a onda vermelha do soviétismo invadindo a Europa do Leste rumo à Alemanha Oriental.

Assim, vai-se constituindo toda a compreensão do desencantamento do mundo com o modo de pensar racional, que passa a inserir um novo padrão de comportamento entre as pessoas em sociedade.

Nesse sentido, conforme Matos (2005, p. 17)

O desencantamento do mundo e a formalização da razão caminham juntos. Weber mostra de que maneira o mundo é despojado de seus aspectos místicos, míticos, sagrados e proféticos; o real torna-se mecânico, repetitivo, casual. O mundo assim desencantado deixa um imenso vazio na alma.

É selado, então, o enfrentamento de Adorno, junto à Escola de Frankfurt, no sentido de denunciar todos os acontecimentos da sociedade contemporânea, que culminariam nas mais variadas formas de barbáries presentes no mundo.

A *Dialética do Esclarecimento*, fruto da colaboração entre Adorno e Horkheimer - publicada, inicialmente, em 1947, pela editora Querido, em Amsterdam - é um trabalho que demonstra um enfoque filosófico muito atual e de grande profundidade. Ademais, é uma obra de grande importância da Teoria Crítica na sociedade moderna, em especial quando se trata de compreender o processo civilizatório, no qual o homem passa a controlar a natureza de modo progressivo, caindo numa cegueira triunfal.

De acordo com Ferreira (2008, p. 332), a *Dialética* é uma obra que representa a “[...] Teoria Crítica voltada especificamente às ciências sociais”, cujos problemas vivenciados começam no contexto da Alemanha nazista, um período conturbado, e piorando com a chegada de Adolf Hitler ao poder.

A compreensão que Adorno leva do contexto nazista – posteriormente, com os estudos voltados “aos mecanismos de funcionamento da indústria radiofônica” (DUARTE, 2002, p. 14) e com a contribuição teórica de Horkheimer - torna-se essencial para a elaboração da *Dialética do Esclarecimento*.

A partir do conhecimento que ambos passam a ter da *indústria cinematográfica* (por residirem próximo a Hollywood) e sua “familiarização com a cultura de massas” (DUARTE, 2002, p. 14), surge a primeira versão da *Dialética do Esclarecimento*, no ano de 1944. O cenário vivido anteriormente fez com que a elaboração da *Dialética* se tornasse uma produção filosófica bastante atual, pois faz propagação reflexiva, crítica e profunda dos fenômenos sociais da atualidade, desencontrando-se dos ideais do *Movimento Iluminista*.

Nas palavras de Cruz (2011, p. 35), “[...] o período iluminista foi o grande propagador do projeto moderno, onde depositou uma confiança cega e ilimitada na razão a ponto de o século XVII ser denominado o *Século das Luzes*”. Nesta perspectiva, esse período não foi suficiente para dissipar as trevas da ignorância que obscurece os homens, pelo contrário, favoreceu ainda mais para deixá-los na escuridão, ao invés de libertá-los.

## 2.2 A mudança de programa dos fragmentos da *Dialética do Esclarecimento*

A problemática acerca do esclarecimento é percebida por Adorno e Horkheimer (1985) na medida em que a humanidade, em meio à luz da razão, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie.

A ciência, tanto em termos de atividade quanto em seu sentido, só favoreceu para promover a autodestruição e a regressão do esclarecimento. Nesse sentido, a análise feita pelos autores da primeira geração da Escola de Frankfurt começa a partir da insatisfação das recorrentes transformações do mundo contemporâneo e, sobretudo, com a ascensão do nazismo.

No tocante ao termo “esclarecimento”, sua ideia primária faz referência ao período das Luzes, remetendo ao sentido de tornar as coisas claras, livrando o homem e o mundo das trevas da ignorância. Mas, como isso não ocorreu, surgem as mais variadas formas de barbáries que se alastram na humanidade.

Sendo assim, Adorno e Horkheimer referenciam a compreensão kantiana da noção de esclarecimento:

Kant, como se sabe, define a *Aufklärung*, num texto célebre, como um processo de emancipação intelectual resultando, de um lado, da superação da ignorância e da preguiça de pensar por conta própria e, de outro lado, da crítica das prevenções inculcadas nos intelectualmente menores por seus maiores (superiores hierárquicos, padres, governantes etc.) (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 21).

A compreensão de Kant difere de como o conceito de esclarecimento é desenvolvido por Theodor Adorno e Max Horkheimer. Os filósofos contemporâneos fogem dos ideais propostos do próprio termo Iluminismo, que fazia menção ao período das Luzes, quando ocorreu o enaltecimento do sujeito como ser pensante, passando a ser visto como o centro de todas as discussões, já que tudo é ligado à luz da razão. O sujeito torna-se, neste parâmetro, um agente dominador, a partir da compreensão que se tem na modernidade.

Neste caso, o homem, sob o comando da razão, passa a organizar o mundo visto anteriormente como algo desordenado, acarretando sérias transformações na sociedade. É o próprio homem que passa a dar sentido a sua própria existência. Assim, dizem os autores da *Dialética do Esclarecimento* (1985, p. 8):

Por isso mesmo, o esclarecimento de que falam não é, como o iluminismo, ou a ilustração, um movimento filosófico ou uma época histórica determinados, mas o processo pelo qual, ao longo da história, os homens se libertam das potências míticas da natureza, ou seja, o processo de racionalização que prossegue na filosofia e na ciência. Mas este não é um simples processo de desmitologização [...].

Nesta perspectiva, o termo “dialética” faz referência às constantes mudanças ocorridas no cenário moderno, gerando, por conseguinte, impactos diretos no sujeito.

Em meio ao período das Luzes, a modernidade vai constituindo-se sob a luz do progresso do pensamento, que previa o sujeito pensante, livre e autônomo diante das forças externas. Mas, diante do mundo do trabalho, esse sujeito cai no esvaziamento de si mesmo.

Assim, a era do saber recai numa calamidade de todos os tempos, que começa a ser descrita por Adorno e Horkheimer, ao desvendarem as armadilhas do esclarecimento, quando resgatam a “pré-história da razão” (GAGNEBIN, 2006, p. 29). Adorno e Horkheimer conseguem encontrar a chave para desvendar todas as artimanhas que envolvem o esclarecimento, a partir das origens da civilização. A este respeito, Gagnebin (2006, p. 30) aponta que,

Nessa reconstrução da história da razão se inscreve a releitura, muito peculiar, da Odisseia, como paradigma primeiro das buscas e das erranças humanas, um modelo que será retomado, sempre a seu modo, pelas grandes obras da filosofia e da literatura ocidental [...] interrogam essa obra originária da nossa tradição narrativa e descobrem na história do retorno de Ulisses a Ítaca uma alegoria primeira da constituição do sujeito. A Odisseia é reinterpretada pelo duplo prisma de uma história da razão que se desfaz dos encantos e dos feitiços (*Zauber*, em alemão) míticos para chegar à dominação e à autonomia — e, nas pegadas de Freud, de uma evolução da criança polimorfa, encantadora e perversa, sem identidade assegurada, que se torna um ego adulto, determinado, simultaneamente racional e rígido.

Quando os autores se posicionam para “descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 11), eles descobrem a ligação existente entre a razão e a dominação presente desde as origens da civilização.

Nesse sentido, é desvendado o entrelaçamento entre mito e esclarecimento desde os primórdios da civilização: “o mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 15). Com isso, compreendem toda transformação ocorrida na sociedade ocidental através do nazismo e do antissemitismo.

Segundo Gagnebin (2006, p. 30), os filósofos procuram “elaborar uma teoria da dominação muito mais ampla e profunda, inscrita na própria relação do homem com a natureza, consigo mesmo e com seus companheiros; em relação inscrita no desenvolvimento da *techné* [...]”.

A trajetória realizada por Adorno e Horkheimer relata a evidência de todo o processo de dominação contido desde a apoderação da natureza, em prol da constituição de tornar o sujeito livre, mas que, na realidade, é o domínio do próprio sujeito. É um processo avassalador pelo qual não existe nenhuma barreira. O caminho a ser seguido é a autoconservação, gerando, por conseguinte, a autodestruição da própria humanidade totalmente esclarecida.

Atentam os autores: “[...] o que se torna problema não é apenas a atividade, mas o sentido da ciência [...] a infatigável autodestruição do esclarecimento força o pensamento a recusar o último vestígio de inocência” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 11). Sustentam, ainda: “Se ele sai voluntariamente de seu elemento crítico como um mero instrumento a serviço da ordem existente, ele tende, contra sua própria vontade, a transformar aquilo que escolheu como positivo em algo negativo, destrutivo” (op. cit., p.12).

Desse modo, Adorno compreende que não existe barreira para o saber que é poder. A razão passa a reinar no mundo, proporcionando no indivíduo o prazer e a conquista pela felicidade, na medida em que obtém o poder de saber das coisas.

Em *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer (1985, p. 18) sustentam que: “[...] o casamento feliz entre entendimento humano e a natureza das coisas, que ele tem em vista, é patriarcal: o entendimento, que venceu a superstição, deve ter voz de comando sobre a natureza desenfeitada”. Sendo assim, a “razão é o instrumento por excelência da conquista do sujeito, que, com o novo método, garantirá a não desarticulação das novas formas do saber” (CRUZ, 2011. p. 40). A este respeito, cumpre, ainda, apontar que

a história parece ter provado o fracasso do projeto de um esclarecimento unilateral. A razão instrumental (domínio da natureza) tornou-se absoluta, estendendo-se muito cedo a dominação do homem pelo homem [...] Por que uma das dimensões da razão autônoma, aquela de pensar fins (por exemplo, a conquista da felicidade) foi abandonada em nome da absolutização da

razão técnica, cega em relação à racionalidade dos fins, e com o único objetivo de dominar a natureza? (PERIUS, 2008, p. 82 - 83).

Como a luz da razão passa a predominar na sociedade moderna, ocorre o domínio do homem sobre o próprio homem, fenômeno com base no qual Adorno e Horkheimer desenvolvem o conceito de “esclarecimento”, a partir do pressuposto do *desencantamento do mundo*.

O homem afasta-se da natureza e passa a compreendê-la de forma racional, ocasionando no próprio homem um esvaziamento em relação aos elementos místicos, com prevalência do uso da razão. Diante da luz da razão, o sujeito, ao longo da história da humanidade, assume uma postura cada vez mais ausente de seu papel na sociedade, tornando-se um ser sem referência e incapaz de pensar sobre si mesmo. Com a inauguração do império da razão, a técnica assume, pois, papel decisivo na sociedade.

Nas palavras de Adorno e Horkheimer (1985, p. 18): “[...] a técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho dos outros, o capital”. Por meio da emancipação da razão,

“o mundo totalmente desencantado surge sob o signo de uma nova mitologia [...] o desencantamento do mundo em nome da razão expõe o homem [...] a uma perda de sentido no âmbito da cultura [...] bem como a uma perda de liberdade no âmbito sócio-econômico” (PERIUS, 2008, p. 84-85).

No mundo desencantado, a sociedade passa a ser compreendida pela redução do trabalho humano a um valor de troca. Nesse sentido,

[...] o trabalho deixa de ser o elemento emancipatório para se transformar em mercadoria [...] O ideal de um mundo desencantado, de uma natureza destituída de todas as qualidades, onde tudo seria mensurável, é a realização da mesma racionalidade formal que converte o trabalho em mercadoria (PERIUS, 2008, p. 86).

A realidade contemporânea é denunciada por Adorno, quando se analisa que “ao invés de um mundo de sujeitos autônomos, estamos diante de um mundo de sujeitos-objetos que, de acordo com o modelo científico, são redutíveis a quantificações” (PERIUS, 2008, p. 87). Nesse panorama,

O mundo se torna um campo de exploração sistemática a partir de um entendimento que se restringe cada vez mais, buscando sempre a redução da multiplicidade das coisas à unidade do pensamento. Os autores veem nessa abordagem do mundo científico, no sentido moderno do termo, algo que vai muito além de um engano apenas teórico: eles detectam a ocorrência de uma alienação dos homens com relação às coisas, pagando o acréscimo de seu

poder sobre elas com um estranhamento para com o objeto mesmo do seu poder (Duarte, 2002, p. 27).

As observações realizadas por Adorno, em relação ao progresso do pensamento, começam a ganhar mais força quando a exploração na sociedade torna-se mais visível. A razão dita sua ordem no mundo, promovendo a calamidade triunfal, trazendo sérios problemas à sociedade, como guerra, fome e outras atrocidades sociais.

Segundo Adorno e Horkheimer (1985), a mudança do programa na *Dialética do Esclarecimento*, a partir do desencantamento do mundo, cuja meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber, acabou proporcionando um progresso de dominação ocasionada pela razão, gerando o triunfo da máquina, manipulação e dominação da natureza. Nas palavras de Perius (2008, p. 99): “A própria história, regida por tal racionalidade, torna-se mito pelo fato de repetir de forma mecânica o princípio subjetivo de dominação”.

Os autores da *Dialética* descobrem que o próprio conceito desse pensamento, tanto quanto as formas históricas concretas, as instituições da sociedade com as quais está entrelaçado, contêm o germe para a regressão.

Assim,

se o esclarecimento não acolhe dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo, ele está selando seu próprio destino. Abandonando a seus inimigos a reflexão sobre o elemento destrutivo do progresso, o pensamento cegamente pragmatizado perde seu caráter superador e, por isso, também sua relação com a verdade (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 13).

Tal constatação revela um paradoxo sobre o qual a nova ordem social se ancora: “[...] de que liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor [...] e, de outro lado, que o próprio esclarecimento tem, em sua essência, o germe para a regressão”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 13).

Ademais, deve-se enfatizar que a falta de clareza presente no esclarecimento é apenas outra expressão do mito, pois que este sempre foi obscuro e iluminante ao mesmo tempo.

A discussão que seguirá no próximo capítulo, diz respeito à essência adquirida pelo esclarecimento, seu caráter regressivo como dominação pelo trabalho, conseguindo fragilizar e dominar o homem diante das imposições colocadas pela natureza. Sendo assim, o mundo passa a ser dominado pela “ditadura da autoconservação” (DUARTE, 2003, p. 45).

### 3. A REGRESSÃO DO ESCLARECIMENTO COMO DOMINAÇÃO PELO TRABALHO

*Toda tentativa de romper as imposições da natureza rompendo a natureza, resulta numa submissão ainda mais profunda às imposições da natureza.*  
Adorno e Horkheimer

#### 3.1 Do mito ao esclarecimento e do esclarecimento ao mito

Este capítulo centra sua atenção na regressão do esclarecimento como dominação pelo trabalho, meio pelo qual consegue aprisionar os homens diante de sua própria limitação natural: seus instintos. A prioridade exclusiva é voltada para a manutenção do próprio corpo, forçando o homem a se voltar constantemente à sua natureza subjetiva.

Nos processos de entrelaçamento do mito ao esclarecimento e do esclarecimento ao mito, revela-se a intrínseca relação entre eles desde os primórdios da civilização. O esclarecimento como progresso da dominação compreende-se pela negação aos mitos, ao mesmo tempo em que ocorre a distinção entre o sujeito e o objeto no processo civilizatório. Por fim, na relação entre esclarecimento e mundo administrado, mostra-se a passagem da natureza para a cultura, em que todo o sistema de transformação culmina em dominação, resultando na administração do mundo.

Deste modo, é revelada, por um lado, a íntima relação entre o mito e esclarecimento, que se dá a partir da constatação da *Odisseia* “como um dos mais precoces e representativos testemunhos da civilização burguesa ocidental” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 15); e, por outro, vê-se em Kant, Sade e Nietzsche como o relato da “submissão de tudo aquilo que é natural ao sujeito autocrítico culmina exatamente no domínio de uma natureza e uma objetividade cegas” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 15).

Sendo assim, diante do progresso do esclarecimento, que acaba negando ao mito e todos os ideais mitológicos, ao chegar à forma de ciência, o progresso reverte-se em regressão, pelo caráter que a ciência passa a assumir.

O objetivo do *Aufklärung* é “destruir o mito, isto é, substituí-lo pelo conhecimento. Trata-se, portanto, de desencantar o mundo, isto é, destruir o animismo” (PERIUS, 2008, p. 93). Destruindo o animismo, passa a prevalecer a lógica da razão, com base na qual “a modernidade, com seu modelo de ciência, é o período histórico onde esta racionalidade se torna absoluta” (PERIUS, 2008, p. 95). Nas palavras do Hansen (1999, p. 37):



A Razão é, de fato, o elemento comum a todos os seres humanos e, por isso, assume a condição de fundamento a partir do qual o mundo deve ser organizado. É ela quem deve, a partir de agora, dar unidade e sentido a todas as esferas que compõem a existência humana. Tudo quanto pretenda ter legitimidade para existir necessita, pois, de submeter-se ao crivo da Razão.

A *Dialética do Esclarecimento* tem como cenário o ponto de partida: a terra totalmente esclarecida, resplandecendo sob o signo de uma calamidade triunfal. Quanto mais o homem aumenta o poder de saber das coisas, torna-se refém daquilo que exerce poder.

A racionalidade instrumental chega ao ponto de tornar o homem ainda mais alienado do que no período mitológico. Assim, o grande objetivo de “livrar os homens do medo e investi-los na posição de senhores” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 17) é pura descrença, já que “[...] o mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade” (*op. cit.*, p. 21). A conclusão que se idealizava com a descoberta do sujeito pensante, segundo a qual a razão seria a chave para o sucesso do homem, dando-lhe a oportunidade de ser livre e autônomo, infelizmente, recai numa ilusão triunfal.

Tal descoberta nada gerou, a não ser a “dominação do homem pelo homem” (PERIUS, 2008, p. 96). Por conseguinte, a incapacidade do homem se relacionar com a realidade subjetiva diante da realidade objetivada (reificada), acarreta numa profunda instrumentalização do pensamento.

Nesse sentido, segundo Perius (2008, p. 96): a “auto-reflexão do pensamento é totalmente eliminada em vista de um automatismo matemático, sendo que, numa espécie de mimesis, o pensamento se iguala ao mundo, entendido como uma grande multiplicidade matemática”.

Na perspectiva de Adorno e Horkheimer (1985, p. 19 - 20): “o que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento [...] Para o esclarecimento, aquilo que não se reduz a números e, por fim, ao uno, passa a ser ilusão [...]”. A constituição da natureza passa a ser vista e analisada somente pelo aspecto da quantificação, sendo reduzida a exemplar, para que a ciência a domine com suas fórmulas.

Dessa maneira,

a individualidade é suprimida na sociedade reificada. O indivíduo sobrevive apenas como exemplar, como número. Em um mundo explicado por fórmulas, nada de novo pode acontecer [...] Os seres humanos, tais como os exemplares da natureza, reduzidos a autônomos sem memória, a meras peças na grande engrenagem do sistema capitalista de produção [...] O mundo da ciência e da técnica é mundo administrado [...] A razão, assim entendida, é o

triunfo da máquina, da manipulação e dominação ilimitada da natureza (PERIUS, 2008, p. 97-98).

Não resta dúvida de que a passagem “da natureza para a ciência é o número, a quantificação, e, para o processo capitalista de produção, é o valor de troca [...]” (PERIUS, 2008, p. 99).<sup>1</sup> A partir do desencantamento do mundo, todas as qualidades são eliminadas, pois elimina-se do sujeito tudo aquilo que não é quantificável, tornando-o máquina pensante. Tudo que é visto sob o ponto de vista qualitativo é deixado de lado, passando agora a prevalecer tudo que diz respeito à quantificação, ao uso da calculabilidade.

O mundo é, nessa perspectiva, obrigado a passar pelo crivo da racionalidade instrumental, e, assim, também quaisquer resquícios de sentido e de liberdade do sujeito são eliminados. Para Gagnebin (2006, p. 30), isso foi o preço que a humanidade pagou por ter chegado a *idade da razão*, um mundo visto sob o ângulo de Nietzsche e de Freud como sendo uma gênese violenta e violentadora, cujo preço é alto.<sup>2</sup>

Pode-se dizer, então, como ponto de reflexão, que o mito passa a ser associado, nesse panorama, como elemento constitutivo da regressão contida no esclarecimento. O posicionamento de Adorno acerca do despertar do sujeito com a racionalidade que sustenta o processo de *Aufklärung* reforça gradativamente para uma, cada vez maior, dominação, já que o pressuposto dado é o olhar do senhor no comando:

O despertar do sujeito tem por preço o reconhecimento do poder como o princípio de todas as relações. Em face da unidade de tal razão, a separação de Deus e do homem reduz-se àquela irrelevância que, inabalável, a razão assinalava desde a mais antiga crítica de Homero. Enquanto soberanos da natureza, o deus criador e o espírito ordenador se igualam. A imagem e semelhança divinas do homem consistem na soberania sobre a existência, no olhar do senhor, no comando (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 21).

Como consequência, tanto na esfera do trabalho quanto na esfera da dominação, a razão passa a predominar na razão subjetiva, ou seja, atinge as esferas dos desejos, com a finalidade de instrumentalizar o pensamento. Em *Eclipse da razão*, de Max Horkheimer, é gerado um embate entre a razão objetiva e a razão subjetiva, e o predomínio exclusivamente da razão subjetiva acaba por converter o pensamento em um instrumento.

---

<sup>1</sup> Para uma melhor compreensão, leia-se Marx (1987, p. 183): “A simplificação da máquina, do trabalho, é utilizada para converter em operário o homem que ainda está se formando, o homem ainda não formado – a criança –, assim como o operário tornou-se criança totalmente abandonada. A máquina acomoda-se à fraqueza do homem, para converter o homem fraco em máquina”.

<sup>2</sup> A este respeito, leia-se Freud (1930 [1929], p. 92): “Os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle, que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem. Sabem disso, e é daí que provém grande parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade”.

Nas palavras de Horkheimer (2002, p. 27): “Quanto mais as ideias se tornam automáticas, instrumentalizadas, menos alguém vê nelas pensamentos com um significado próprio. Como resultado, são considerados como coisas, máquinas”. O esclarecimento surge como forma de pensamento que visa dissolver os mitos, dando lugar ao saber, mas, infelizmente, contribui ainda mais para colocar medo nos homens, ao invés de libertá-los.

A compreensão que Adorno e Horkheimer fazem a respeito do esclarecimento, é que o mito já tinha os mesmos ideais que a ciência: “[...] o mito queria relatar, denominar, dizer a origem; mas também, expor, fixar, explicar” (1985, p. 20). Deste modo, percebe-se que o objetivo dos mitos já estava na mesma direção da pretensão que Bacon afirmava acerca do saber:

Bacon, “o pai da filosofia experimental”, já reunira seus diferentes temas. Ele desprezava os adeptos da tradição, que “primeiro acreditam que os outros sabem o que eles não sabem; e depois que eles próprios sabem o que não sabem. Contudo, a credulidade, a aversão à dúvida, a temeridade no responder, o vangloriar-se com o saber, a timidez no contradizer, o agir por interesse, a preguiça nas investigações pessoais, o fetichismo verbal, o deter-se em conhecimentos parciais: isto e coisas semelhantes impediram um casamento feliz do entendimento humano com a natureza das coisas e o acasalaram, em vez disso, a conceitos vãos e experimentos erráticos: o fruto e a posteridade de tão gloriosa união pode-se facilmente imaginar. A imprensa não passou de uma invenção grosseira; o canhão era uma invenção que já estava praticamente assegurada; a bússola já era, até certo ponto, conhecida. Mas que mudança essas três invenções produziram - uma na ciência, a outra na guerra, a terceira nas finanças, no comércio e na navegação! E foi apenas por acaso, digo eu, que a gente tropeçou e caiu sobre elas. Portanto, a superioridade do homem está no saber, disso não há dúvida. Nele muitas coisas estão guardadas que os reis, com todos os seus tesouros, não podem comprar, sobre as quais sua vontade não impera, das quais seus espias e informantes nenhuma notícia trazem, e que provêm de países que seus navegantes e descobridores não podem alcançar. Hoje, apenas presumimos dominar a natureza, mas, de fato, estamos submetidos à sua necessidade [...]” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 17).

Desde sempre, a denúncia realizada foi comprovada, quando Adorno e Horkheimer (1985) dizem que, do mesmo modo que os mitos levam a cabo o esclarecimento, assim também o esclarecimento fica mais enredado, a cada passo que dá, na mitologia. Ademais, afirmam: “os mitos, como os encontraram os poetas trágicos, já se encontram sob o signo daquela disciplina e poder que Bacon enaltece como o objetivo a se alcançar” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 20).

Adorno tanto reconhece a existência da íntima relação entre mito e esclarecimento, bem como a estreita relação de igualdade, a partir do uso da razão, entre Deus e o homem diante da natureza.

A compreensão por parte dos filósofos é declarada: “[...] enquanto soberanos da natureza, o deus criador e o espírito ordenador se igualam. A imagem e semelhança divinas do homem consistem na soberania perante a existência, no olhar do senhor, no comando” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 21). Trata-se, portanto, do posicionamento de Adorno diante da instrumentalização da razão, ao associar-se, a razão, com o poder. Um poder que acaba tornando os homens senhores, mas que são escravizados pela natureza; poder que passa a prevalecer entre os homens, mas são distanciados de sua liberdade e de sua pretensão com a verdade mediante o poder adquirido.

Eis o propósito do poder, segundo essa relação: “o que importa não é aquela satisfação que, para os homens, se chama “verdade”, mas a *operation*, o procedimento eficaz” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 18). A esse respeito, Ramos (2008, p. 28) assevera que

A razão científica deixou de satisfazer o homem na sua busca pela verdade e passou a realizar apenas uma *operation*, estabelecer relações entre meios e fins da forma mais eficaz possível. O Esclarecimento, tal como o entendem Adorno/Horkheimer, tem, portanto, um duplo movimento: por um lado, um processo em que se desencanta a natureza, solapando a construção mitológica em que o homem é visto como um brinquedo de forças externas divinizadas; por outro, a autonomia frente a estas ameaças externas se converte em uma autopreservação selvagem, fazendo com que o controle sobre a natureza externa regreda a uma violência introjetada que cria uma série de limitações e repressões que restringem as pretensões de felicidade do homem.

Não se pode negar que a técnica torna os gestos precisos e grosseiros e, com eles, os próprios homens são subordinados ao crivo da razão instrumental. Nessa mesma linha de pensamento, posicionam-se Löwy e Varikas (1992, p. 205), para quem “[...] a tecnificação priva os gestos humanos”.

Ainda nesse sentido, Fianco (2010, p. 130) diz que “Adorno vai descrever as mudanças negativas que a existência sofre em meio a um mundo dominado pela técnica e pela sua aplicabilidade, a tecnologia”. O cálculo e os procedimentos racionais produziram uma nova modalidade: a barbárie organizada.

A teoria da falsa projeção implica na não compreensão crítica dos processos sociais, mas apenas um processo de assimilação, pois o sujeito é incapaz de fazer a mediação em que o mundo exterior aparece efetivamente como um outro na sua consciência. Assim, ocorre a incapacidade de se refletir sobre o objeto e sobre si mesmo, perdendo-se a capacidade de se diferenciar (RAMOS, 2008, p. 30).

O objetivo da mimese, nesse contexto, é proporcionar um ponto de reflexão a partir do fundamento em que a sociedade passa a ser organizada, subordinada aos aparatos tecnicistas e pelo capitalismo.

Com a devastação da subjetividade humana, em que o mundo objetivo prevalece, as pessoas passam a ter postura mimética, ultrapassando todos os aspectos da subjetividade, e, nesse sentido, constituindo uma sociedade marcada pelo esvaziamento do sujeito, em que reinam o controle, a falsidade e o domínio da razão instrumentalizada.<sup>3</sup>

“A mimese incontrolada é proscrita. O anjo com espada de fogo, que expulsou os homens do paraíso e os colocou no caminho do progresso técnico é o próprio símbolo desse progresso”, afirmam Adorno e Horkheimer (1985, p. 149). Assim, os homens, diante da ciência moderna, acabaram renunciando “ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade” (*op. cit.*, p. 18).

Adorno, em suas reflexões sobre o totalitarismo do esclarecimento, ressalta: “para ele, o elemento básico do mito foi sempre o *antropomorfismo*, a projeção do subjetivo na natureza” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 19), destacando que o esclarecimento, sob o aspecto totalitário, enraiza-se ainda mais no mito.

Ainda nesse sentido, assevera Adorno (1985, p. 19) que “todas as figuras míticas podem se reduzir, segundo o esclarecimento, ao mesmo denominador, a saber, ao sujeito”. De antemão, o desencantamento do mundo surge a partir do processo de *mitologização do esclarecimento*, e o entrelaçamento entre mito e esclarecimento, por sua vez, culmina na racionalização do mundo, cujo intuito é desprender os homens das forças míticas, ou seja, de uma natureza desconhecida e aterrorizante. Assim, alertam Adorno e Horkheimer (1985, p. 8):

Por isso mesmo, o esclarecimento de que falam não é, como o iluminismo, ou a ilustração, um movimento filosófico ou uma época histórica determinados, mas o processo pelo qual, ao longo da história, os homens se libertam das potências míticas da natureza, ou seja, o processo de racionalização que prossegue na filosofia e na ciência. [...] o fato de que ele

---

<sup>3</sup>Para uma consideração mais detalhada a respeito do caráter mimético citado tanto por Adorno e por Ramos, pode-se recorrer a Marcuse, em que o filósofo aponta-nos que a postura mimética da sociedade passa a ser entendida pela força disseminadora do capitalismo: “[...] quanto mais racional, produtiva, técnica e total se torna a administração repressiva da sociedade, tanto mais imagináveis se tornam os modos e os meios pelos quais os indivíduos administrados poderão romper sua servidão e conquistar sua própria libertação [...] Sua produtividade e eficiência, sua capacidade para aumentar e disseminar comodidades, para transformar o resíduo em necessidade e a destruição em construção [...] As criaturas se reconhecem em suas mercadorias; encontram sua alma em seu automóvel [...] O próprio mecanismo que ata o indivíduo à sua sociedade mudou, e o controle social está ancorado nas novas necessidades que ela produziu [...] no período contemporâneo, os controles tecnológicos parecem ser a própria personificação da Razão para o bem de todos os grupos e interesses sociais”. (MARCUSE, 1973, p. 28-30).

tem origem no próprio mito e encontra seu termo atual na mitologização do esclarecimento sob a forma da ciência positiva reflete o fato de que o conhecimento pela dominação da natureza tem lugar pela assimilação dos processos de conhecimento e controle aos processos naturais, e explica por que esse processo de dominação da natureza pode resultar paradoxalmente numa mais completa naturalização do homem totalmente civilizado.

O esclarecimento ganha força no processo civilizatório, cuja racionalização é ímpar na dominação da natureza. O mundo é obrigado a passar pelo crivo da calculabilidade, da probabilidade, ou seja, dos números, e, por conseguinte, pela exigência da “destruição dos deuses e das qualidades” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 20). No entanto, não se pode negar que os mitos caem como “vítimas do esclarecimento, pois já eram o produto do próprio esclarecimento” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 20).

Para Adorno, quando se destroem as distinções, o mundo é compreendido a partir do domínio dos homens, ocorrido com o despertar do homem pelo preço pago com o reconhecimento do poder como princípio de todas as relações. Assim,

[...] a história da emancipação do mito e do devir adulto não é somente um devir progressivo e luminoso, como pretendiam, justamente, as luzes do Iluminismo, mas também deve ser denunciada, seguindo Nietzsche e Freud, como sendo uma gênese violenta e violentadora, cujo preço é alto. Antissemitismo e nazismo serão compreendidos como o retorno dessa violência recalcada (GAGNEBIN, 2006, p. 30).

Nota-se, portanto, que, desde a antiga civilização, existe a gênese violenta sendo relatada em várias passagens da *Odisseia*, de Homero<sup>4</sup>. A partir desses relatos, Adorno e Horkheimer se debruçaram para desvendar e lançar seus questionamentos diante das transformações ocorridas no mundo contemporâneo.

Fruto dessa reflexão é a conclusão de que o mito é convertido em esclarecimento e a natureza é objetivada. O esclarecimento parte do princípio do próprio mito e sua autoconservação é por meio da adaptação:

a insossa sabedoria para a qual não há nada de novo sob o sol, porque todas as cartas do jogo sem-sentido já teriam sido jogadas, porque todos os grandes pensamentos já teriam sido pensados, porque as descobertas possíveis poderiam ser projetadas de antemão, e os homens estariam forçados a assegurar a autoconservação pela adaptação (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 23).

---

<sup>4</sup> A este respeito, considere-se Freud, quando diz que as diversas criações realizadas pelo homem são possíveis notar no mais *alto nível de civilização*: “Quer pensemos encontrar neles as mais altas realizações do espírito humano, quer os deplorem como aberrações, não podemos deixar de reconhecer que onde eles se acham presentes, e, em especial, onde eles são dominantes, está implícito um alto nível de civilização” (FREUD, 1930 [1929], p. 61).

Deste modo, ocorre a alienação pelo poder adquirido, pois tudo passa a ser elaborado para os fins das coisas.

Horkheimer, em *Eclipse da razão*, quando se refere aos *Meios e fins*, afirma que

ao ser pressionado para dar uma resposta, o homem médio dirá que as coisas racionais são as que se mostram obviamente úteis, e que se presume que todo homem racional é capaz de decidir o que é útil para ele.” (2002, p. 9)

Nesse caso, essa possibilidade só existe devido ao caráter assumido pela ciência, que passa a ser mais astuciosa e eficiente que a magia.

Segundo Adorno, a concretização dessa possibilidade é referente à prática que vem sendo adotada com a autonomia do pensamento diante dos objetos ajustados à realidade. Assim, Adorno (1985, p. 23) sustenta que, “enquanto totalidade desenvolvida linguisticamente, que desvaloriza, com sua pretensão de verdade, a crença mítica mais antiga: a religião popular, o mito patriarcal solar é ele próprio esclarecimento [...]”. Nesta perspectiva, torna-se impossível que os homens consigam se desprender do mito ao ponto de se tornarem livres:

No mito, tudo o que acontece deve expiar uma pena pelo fato de ter acontecido. E assim continua no esclarecimento: o fato torna-se nulo, mal acabou de acontecer. A doutrina da igualdade entre ação e a reação afirmava o poder da repetição sobre o que existe muito tempo após os homens terem renunciado à ilusão de que pela repetição poderiam se identificar com a realidade repetida e, assim, escapar a seu poder. Mas quanto mais se desvanece a ilusão mágica, tanto mais inexoravelmente a repetição, sob o título da submissão à lei, prende o homem naquele ciclo que, objetualizado sob a forma da lei natural, parecia garanti-lo como sujeito livre (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 23).

A relação entre mito e esclarecimento interliga-se de tal forma que promove a autodestruição do esclarecimento, e, por conseguinte, consagra a regressão à mitologia. Por mais que o homem tente, não consegue se desprender da natureza, ocorrendo seu próprio regresso.

Nesse caso, com o advento da ciência, não existe nenhuma diferença entre o mito e o esclarecimento, em face das várias repetições progressivas ao longo da história, pois

a ele se paga, agora, na mesma moeda. A própria mitologia desfecha o processo sem fim do esclarecimento, no qual toda concepção teórica determinada acaba fatalmente por sucumbir a uma crítica arrasadora, à crítica de ser apenas uma crença, até que os próprios conceitos de espírito, de verdade, e até mesmo de esclarecimento tenham-se convertidos em magia animista (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 23).

Ainda elucidando Adorno e Horkheimer (1985, p. 23): “O princípio da imanência, a explicação de todo acontecimento como repetição, que o esclarecimento defende contra a

imaginação mítica, é o princípio do próprio mito”. Na medida em que o mito passa a ser compreendido como uma doutrina e afasta-se do viés da verdade, o esclarecimento recai no mito.

Dessa maneira,

[...] a causa da recaída do esclarecimento na mitologia não deve ser buscada tanto nas mitologias nacionalistas, pagãs e em outras mitologias modernas especificamente idealizadas em vista dessa recaída, mas no próprio esclarecimento paralisado pelo temor da verdade (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 13).

Quando se percebe que o esclarecimento fica ainda mais enredado ao mito, toda a relação com a verdade é deixada de lado, e, por conseguinte, o homem é objetivado pelo poder que adquiriu, passando agora a somente reconhecer as coisas na medida em que pode fazê-las, caindo numa alienação que não imaginava, devido ao aumento de saber de todas as coisas.

A esse respeito, Perius (2008, p. 92) observa que

Na própria ordenação dos mitos no texto da Odisseia, manifesta-se a racionalidade ordenadora, que inevitavelmente conduz à anulação do próprio mito. Trazer o mito para o interior de uma ordem compreensível e possível de ser narrada é já subordiná-lo à razão ordenadora [...] A primeira manifestação da vontade de *Aufklärung* dá-se no mito. Estes constituem, portando, uma primeira objetivação das forças naturais e das divindades que regem o mundo.

Faz-se necessária a compreensão por parte de Gagnebin (2006), para quem “a razão esclarecida” e “adulto razoável” conservam as marcas dessa violência — e dessa proximidade com a morte. O preço da autoconservação do sujeito é, pois, a renúncia à sua vida mais elementar.

Servindo como ilustração os episódios do ciclope Polifemo e do Canto das sereias, referenciados na *Odisseia*, de Homero, Gagnebin (2006, p. 34) afirma que

Adorno e Horkheimer insistem, portanto, enfaticamente no preço que o sujeito racional deve pagar para se constituir, na sua autonomia, e poder se manter vivo. Esse preço é alto: não é nada menos que a própria plasticidade da vida, seu lado lúdico, seu lado de êxtase e de gozo; a vida se autoconserva renunciando à sua vivacidade mais viva e mais preciosa — daí a infinita tristeza do burguês adulto bem sucedido.

Portanto, devido à falta de inadequação sofrida pelas transformações na sociedade, ou seja, entre o pensamento e a realidade, ocorre que o “projeto de dominação da natureza converte-se em dominação dos homens pelos homens” (PERIUS, 2008, p. 80).



Segundo Adorno e Horkheimer, o sistema de dominação baseia-se na instrumentalização da razão, impedindo que os indivíduos sejam livres. Nesse sentido, tem-se que “[...] o burguês nas figuras sucessivas do senhor de escravos, do empresário livre e do administrador é o sujeito lógico do esclarecimento” (1985, p. 72). Ademais, a recaída do esclarecimento no mito é mais evidente quando se trata do pensar matemático, que acaba coisificando o pensamento em algo automático.

Para Adorno e Horkheimer (1985), o esclarecimento acredita estar a salvo diante do retorno do mito. Ele confunde o pensamento e a matemática. Deste modo, com o pensamento reduzido aos mecanismos da matemática, verifica-se que o esclarecimento regride à mitologia, da qual nunca soube escapar, pois, em suas figuras, a mitologia refletiria a essência da ordem existente – o processo cíclico, o destino, a dominação do mundo – como verdade e abdicaria da esperança.

A compreensão dos filósofos parte da seguinte análise: “[...] quem fica privado da esperança não é a existência, mas o saber que no símbolo figurativo ou matemático se apropria da existência enquanto esquema e a perpetua como tal” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 35).

O esquema matematizado inaugurado pela razão instrumentalizada se dá por meio do entrelaçamento entre o esclarecimento e o mito. Assim,

O preço que se paga pela identidade de tudo com tudo é o facto de que nada, ao mesmo tempo, pode ser idêntico consigo mesmo. O esclarecimento corrói a injustiça da antiga desigualdade, o senhorio não mediatizado; perpetua-o, porém, ao mesmo tempo, na mediação universal, na relação de cada ente com cada ente [...] Os homens receberam o seu eu como algo pertencente a cada um, diferente de todos os outros, para que ele possa com tanto maior segurança se tornar igual [...] Toda tentativa de romper as imposições da natureza rompendo a natureza, resulta numa submissão ainda mais profunda às imposições da natureza (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 23-24).

Pode-se dizer que o esclarecimento culminou na uniformização dos padrões, proporcionando a todos uma identificação padronizada.<sup>5</sup> O esclarecimento ganha forma

---

<sup>5</sup> Para uma compreensão mais ampla, pode-se recorrer a Marcuse, sobre a forma racional em que a sociedade subordina os indivíduos em um processo extremamente irracional. O controle advindo dos aparatos tecnológicos provoca o caráter de mimese na sociedade, sendo um sujeito reduzido, dominado e administrado pela logística da sociedade. Assim, diz Marcuse (1973, p. 30-31): atualmente, esse espaço privado se apresenta invadido e desbastado pela realidade tecnológica. A produção e a distribuição em massa reivindicam o indivíduo inteiro e a psicologia industrial deixou há muito de limitar-se à fábrica. Os múltiplos processos de introjeção parecem ossificados em reações quase mecânicas. O resultado não é o ajustamento, a mimese: uma identificação imediata do indivíduo com sua sociedade e, através dela, com a sociedade em seu todo. Essa identificação imediata e automática (que pode ter sido característica das formas primitivas de associação) reaparece na civilização industrial elevada; contudo, sua “imediação” é produto de uma gerência e organização complicadas e científicas. Nesse processo, a dimensão “interior” da mente, na qual a oposição do *status quo* pode criar raízes, é desbastada.

alienante devido ao progresso da dominação que está intrinsecamente ligado desde sua origem, entrando, assim, num estado de calamidade, quando se associa ao poder, consolidando o progresso da dominação, que possibilita a anulação do homem em face do poder econômico.

### 3.2 O esclarecimento como progresso da dominação

Quando o homem é posto diante do progresso da dominação proveniente da *mitologização do esclarecimento*, aclarado pela ciência positiva, ele entra num estado de dominação total, devido à razão instrumentalizada, que, ao associar-se aos elementos que surgem na civilização, quais sejam cultura e economia, culmina numa dominação incontrolável.

Nas palavras de Adorno e Horkheimer (1985, p. 25)

o eu, que aprendeu a ordem e a subordinação com a sujeição do mundo, não demorou a identificar a verdade em geral com o pensamento ordenador, e essa verdade não pode subsistir sem as rígidas diferenciações daquele pensamento ordenador.

Com o retorno do esclarecimento ao mito, a dominação surge por meio do trabalho, como uma nova sementeira da barbárie, e, nesse sentido, o trabalho humano tendeu sempre a se afastar do mito, voltando a ciar sob o seu influxo, levado pela mesma dominação.

A instrumentalização do mundo por meio da técnica passa a conhecer melhor a natureza, e vê-se obrigada a renunciar à pretensão de ser semelhante a ela, com o distanciamento do sujeito em relação ao objeto, o resultado passa a ser entendido pela dinâmica da dominação pelo trabalho.

De acordo com Adorno e Horkheimer (1985, p. 27): “A natureza não deve mais ser influenciada pela assimilação, mas deve ser dominada pelo trabalho”. Gradualmente é feita a distinção entre o sujeito e o objeto diante do processo civilizatório, e, nesse sentido, “[...] a divisão do trabalho, em que culmina o processo social da dominação, serve à autoconservação do todo dominado” (1985, p. 30).

---

A perda dessa dimensão, na qual o poder do pensamento negativo – o poder crítico da Razão – está à vontade, é a contrapartida ideológica do próprio processo material no qual a sociedade industrial desenvolvida silencia e reconcilia a oposição. O impacto do progresso transforma a Razão em submissão aos fatos da vida e à capacidade dinâmica de produzir mais e maiores fatos do mesmo tipo de vida. A eficiência do sistema embota o reconhecimento individual de que ela não contém fato algum que não comunique o poder repressivo do todo. Se os indivíduos se encontram nas coisas que moldam a vida deles, não o fazem ditando, mas aceitando a lei das coisas – não a lei da Física, mas a lei da sociedade [...] engolfado por sua existência alienada.

O processo de racionalidade em face de tal dominação perpassa “a sociedade com a redução do trabalho humano a um valor de troca” (PERIUS, 2008, p. 86). O caráter assumido pela ciência afeta o cerne das relações humanas.<sup>6</sup> Essa modificação faz com que o homem passe a se relacionar consigo mesmo e com o próximo de acordo com a questão de ordem econômica, afetando sua vida que passa a ser extremamente controlada pelos poderes econômicos. Nesse sentido,

A naturalização do homem hoje não é dissociável do progresso social. O aumento da produtividade econômica, que por um lado produz as condições para um mundo mais justo, confere por outro lado ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população. O indivíduo se vê completamente anulado em face dos poderes econômicos. Ao mesmo tempo, estes elevam o poder da sociedade sobre a natureza a um nível jamais imaginado. Desaparecendo diante do aparelho a que serve, o indivíduo se vê, ao mesmo tempo, melhor do que nunca provido por ele. Numa situação injusta, a impotência e a dirigibilidade da massa aumentam com a quantidade de bens a ela destinados. A elevação do padrão de vida das classes inferiores, materialmente considerável e socialmente lastimável, reflete-se na difusão hipócrita do espírito [...] A questão é que o esclarecimento tem que tomar consciência de si mesmo, se os homens não devem ser completamente traídos. Não se trata da conservação do passado, mas de resgatar a esperança passada. Hoje, porém, o passado se prolonga como destruição do passado [...] Nas condições atuais, os próprios bens da fortuna convertem-se em elementos do infortúnio. Enquanto no período passado a massa desses bens, na falta de um sujeito social, resultava na chamada superprodução, em meio às crises da economia interna, hoje ela produz, com a entronização dos grupos que detêm o poder no lugar desse sujeito social, a ameaça internacional do fascismo: o progresso converte-se em regressão (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 14).

O progresso social na contemporaneidade é compreendido pela anulação do indivíduo em face do poder econômico. Os homens em sociedade são colocados de forma passiva e submissa diante de uma sociedade que promove a dominação em massa, tornando-se o oposto do progresso da razão idealizado por Descartes e Bacon, que conduziram suas ideias para promover a emancipação do homem.

Por essa razão, Perius (2008, p. 81) assevera que:

[...] sem pretender uma apologia ao regresso, o avanço técnico e o progresso são examinados em seus elementos constitutivos, na sua racionalidade imanente. A filosofia do Adorno tem como ponto de partida uma questão fundamental no que se refere a este desenvolvimento: qual racionalidade se exerceu, ou emerge dele? Vemos que para pensadores como Descartes e Bacon, com quem iniciou este processo, a dimensão da razão enquanto

---

<sup>6</sup> A este respeito, leia-se Freud, sobre o mal-estar presente como num todo na sociedade, em que são proporcionados vários tipos de insatisfações naqueles indivíduos orientados irracionalmente dentro da lógica de produção: “característica indestrutível da natureza humana seguirá a civilização” (FREUD, 1930 [1929], p. 72).

dominação da natureza (razão instrumental) era inseparável de uma dimensão mais ampla de razão que tinha como objetivo harmonizar a autonomia da razão, a liberdade, o domínio da natureza e a conquista da felicidade [...] é importante observar a diferença, que permanece presente em toda a *Dialética do Esclarecimento*, entre razão objetiva e razão subjetiva. A predominância, na sociedade moderna, da razão instrumental é uma clara manifestação desta razão subjetiva [...].

A regressão é simplesmente a autoconservação do sujeito dominado a partir do mecanismo do trabalho. Sendo assim, a compreensão é baseada na reificação do mundo, com o ápice da racionalidade instrumental que promove a transformação do homem em um objeto instrumentalizado e automático, perdendo sua autonomia e autoconsciência.

Nessa direção, Adorno e Horkheimer relacionam a instrumentalização da razão com a cultura de que

os homens receberam o seu eu como algo pertencente a cada um, diferente de todos os outros, para que ele possa com tanto maior segurança se tornar igual. Mas, como isso nunca se realizou inteiramente, o esclarecimento sempre simpatizou, mesmo durante o período do liberalismo, com a coersão social (1985, p. 24).

Com o enaltecimento do sujeito, não existe distinção entre eles, do ponto de vista da lógica administrativa. O problema é mais ligado à questão de ordem social: quando o mundo deixou de ser mágico, e passou a ser administrativo, o homem tornou-se mais esclarecido e menos mágico. Esse despertar fez com que o homem analisasse as coisas de forma exclusivamente racional.

A esse respeito, Perius (2008, p. 91) sustenta que “a *Aufklärung* surge como reação ao medo. Colocar os homens na posição de senhores, dominadores do mundo, de uma natureza desencantada é, a partir daí, seu principal programa. O entrelaçamento entre razão e dominação é observável a partir disso”.

O cenário compreendido pela razão passa a organizar o mundo ao seu modo, que promove, inicialmente, a perda do medo de tudo que é desconhecido. Isso acontece na medida em que o mito passa a ser visto a partir de uma “relação instrumentalizada, ao fixar um lugar definido para a divindade” (PERIUS, 2008, p. 93). Neste sentido, como o processo automático culmina na reificação do pensar, o pensamento é coisificado e instrumentalizado, e a regra passa a ser organizada pela repetição.

o pensar reifica-se num processo automático e autônomo, emulando a máquina que ele próprio produz para que ela possa finalmente substituí-lo [...] O procedimento matemático tornou-se, por assim, dizer, o ritual do pensamento [...] o conhecimento restringe-se à sua repetição, o pensamento

transforma-se na mera tautologia (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 33 - 34).

Como pensamento é transformado em coisa, em instrumento, ocorre a eliminação entre a ação individual e a norma social, ditando um novo padrão de comportamento: a submissão do homem e do mundo aos aparatos técnicos foi enfeitada pelo processo de coisificação.

Assim,

o preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das reações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo. O animismo havia dotado a coisa de uma alma, o industrialismo coisifica as almas. O aparelho econômico, antes mesmo do planejamento total, já provê espontaneamente as mercadorias dos valores que decidem sobre o comportamento dos homens (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 35).

A submissão do homem é ocasionada pela dominação do trabalho, tornando-se ele mesmo ainda mais alienado diante do processo de autoconservação.

A aparelhagem técnica culmina na coisificação do sujeito, eliminando sua liberdade e sua própria consciência, pois

o trabalho social de todo indivíduo está mediatizado pelo princípio do eu na economia burguesa; a um ele deve restituir o capital aumentado, a outro a força para um excedente de trabalho. Mas quanto mais o processo da autoconservação é assegurado pela divisão burguesa do trabalho, tanto mais ele força a autoalienação dos indivíduos, que têm que se formar no corpo e na alma segundo a aparelhagem técnica (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 36).

Adorno reforça essa ideia ao afirmar que, com a eliminação da consciência após a coisificação do sujeito, ele é posto a escolher “entre a sobrevivência ou a morte” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 37). Isto torna-se possível por ocasião do pensamento esclarecido, que proporciona a supressão da subjetividade pelo trabalho como forma de controle.

A dominação é geral, em especial quando ela passa a interferir diretamente na esfera social. Segundo Adorno e Horkheimer (1985), a partir da conservação das formas e a dos indivíduos, a expulsão do pensamento da lógica ratifica, na sala de aula, a coisificação do homem na fábrica e no escritório. Nesse sentido, a essência do esclarecimento é a dominação, pois

Quando afinal a auto conservação se automatiza, a razão é abandonada por aqueles que assumiram sua herança a título de organizadores da produção e agora a temem nos deserdados. A essência do esclarecimento é a alternativa que torna inevitável a dominação. Os homens sempre tiveram de escolher entre submeter-se à natureza ou submeter a natureza ao eu. Com a difusão da economia mercantil burguesa, o horizonte sombrio do mito é aclarado pelo sol da razão calculadora, sob cujos raios gelados amadurece a sementeira da nova barbárie. Forçado pela dominação, o trabalho humano tendeu sempre a se afastar do mito, voltando a cair sob o seu influxo, levado pela mesma dominação (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 38).

Faz-se necessário compreender, portanto, que a relação existente entre o mito e o esclarecimento culminou em dominação, no momento em que o esclarecimento, por meio de aparatos tecnológicos, reverteu-se em um progresso dominador que se expande com a criação do trabalho.

Adorno e Horkheimer abordam essa questão pra mostrar o quanto o mito e o esclarecimento se entrelaçam desde os primórdios da civilização, em especial quando se trata de Homero, na *Odisseia*. Assim, os autores da *Dialética do Esclarecimento* afirmam:

O mito original já contém o aspecto da mentira que triunfa no caráter embusteiro do fascismo e que esse imputa ao esclarecimento. Mas nenhuma obra presta um testemunho mais eloquente do entrelaçamento do esclarecimento e do mito do que a obra homérica, o texto fundamental da civilização europeia. Em Homero, epopeia e mito, forma e conteúdo, não se separam simplesmente, mas se confrontam e se elucidam mutuamente (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 49).

O entrelaçamento existente entre mito e esclarecimento ocorre ao longo da história da civilização na medida em que o domínio apodera-se do homem. Diante do seu sacrifício, revela-se sua autoconservação, o homem vê-se obrigado a renunciar a si mesmo.

Para Adorno e Horkheimer (1985, p. 51), “o próprio sacrifício já aparece como o esquema mágico da troca racional, uma cerimônia organizada pelos homens, com o fim de dominar os deuses exatamente pelo sistema de veneração de que são objetos”. Esse processo culmina na regressão do próprio esclarecimento, podendo ser analisado a partir do registro das narrativas de Homero, em que se compreende o entrelaçamento entre o mito, a dominação e o trabalho.

A este respeito, leia-se:

O duodécimo canto da *Odisseia* relata o encontro com as Sereias. A sedução que exercem é a de se deixar perder no que passou. Mas o herói a quem se destina a sedução emancipou-se com o sofrimento. Nos perigos mortais que teve de arrostar, foi dando têmpera à unidade de sua própria vida e à identidade da pessoa. Assim como a água, a terra e o ar, assim também separam-se para ele os domínios do tempo. Para ele, a preamar do que já foi

recuou da rocha do presente, e as nuvens do futuro estão acampadas no horizonte. O que Ulisses deixou para trás entra no mundo das sombras: o eu ainda está tão próximo do mito de outrora, de cujo seio se arrancou, que o próprio passado por ele vivido se transforma para ele num outrora mítico (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 38).

Através dessa narrativa, tanto é possível analisar a dominação social da natureza quanto é revelada a relação existente entre um patrão para seu empregado por meio do trabalho, em especial o comandado. Ademais, a compreensão do homem, tanto em sua existência quanto em suas relações em sociedade, passa a ser regulada pela esfera do trabalho.

Na via alternativa de manter sua própria sobrevivência, o homem é forçado a cair no influxo da autoconservação, como possibilidade de saciar seus desejos, pois, conforme os autores da *Dialética*, “[...] a dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo” (1985, p. 35).

Com o desenvolvimento das máquinas, a dominação é em massa, tanto dos trabalhadores ativos quanto dos inativos. Melhor dizendo, a dominação na sociedade é geral.

Acerca do desenvolvimento das máquinas, dizem os autores que,

Quando o desenvolvimento da máquina já se converteu em desenvolvimento da maquinaria da dominação - de tal sorte que as tendências técnica e social, entrelaçadas desde sempre, convergem no apoderamento total dos homens - os atrasados não representam meramente a inverdade. (1985, p. 41)

Tal compreensão faz perceber a ocorrência das mutilações não só dos trabalhadores desempregados, mas na sociedade como um todo, pois

na situação dada, estar excluído do trabalho também significa mutilação, tanto para os desempregados, quanto para os que estão no polo social oposto. Os chefes, que não precisam mais se ocupar da vida, não têm mais outra experiência dela senão como substrato e deixam-se empedernir integralmente no eu que comanda (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 40).

Para Adorno, “[...] a maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão” (1985, p. 41).

Com o favorecimento do desenvolvimento das máquinas a partir dos aparatos técnicos, a razão instrumental foi capaz de regular a natureza, proporcionando o esvaziamento de tudo que é humano. Quando o mundo passa a ser compreendido pela logística, em que as facilidades tecnológicas baseiam-se na coesão social sobre a natureza e o domínio do homem sobre o próprio homem, efetua-se a dominação de tudo o que é humano, e a limitação do

pensamento é associada à organização e à administração, contribuindo para a dominação e manipulação não só dos subordinados, mas também de seus superiores.

Os mecanismos adotados pela técnica, ao longo de seu surgimento na história da civilização, em especial quando apodera-se do esclarecimento, foram assumindo novas formas, para melhor adaptarem-se à sociedade moderna, em nome de tudo o que vem do esclarecimento. Conhecer não é suficiente; é preciso dominar.

Percebe-se, assim, o quanto os homens são escravizados pelo saber que adquirem, tornando-se brinquedos da ciência, dominados, controlados e administrados pela racionalidade técnica.

Nesta perspectiva, a racionalidade técnica<sup>7</sup> propaga-se em dominação, de modo que as mais variadas formas de tecnologias passam a reproduzir na sociedade significativas mudanças, reorganizando os espaços de sociabilidade.

No próximo ponto, aborda-se de modo mais abrangente a respeito do esclarecimento e mundo administrado, mostrando a evolução do pensamento administrado, que coloca o homem sob o aspecto do poder adquirido de saber de todas as coisas, mas que, ao ser reificado, passou a ser controlado e comandado pela logística da racionalidade técnica.

### **3.3 O esclarecimento e mundo administrado**

A questão norteadora desse tópico é referenciada na passagem da natureza para a cultura, que tem início desde a íntima relação entre o mito e o esclarecimento, e vice-versa, ao longo da história da civilização, que culmina no progresso da dominação técnica e na administração do mundo.

---

<sup>7</sup> Para melhor detalhar a respeito do impacto sofrido nos indivíduos ocasionado pelos mecanismos técnicos da ciência, leia-se Russell (1969, p. 113) quando diz: “Toda a vida moderna está edificada com base no êxito prático da ciência, pelo menos no que concerne ao mundo material”. Pode-se recorrer também à leitura de Marcuse (1973, p. 32- 37): “O aparato produtivo e as mercadorias e serviços que ele produz “vendem” ou impõem o sistema social como um todo. Os meios de transporte e comunicação em massa, as mercadorias, casa, alimento e roupa, a produção irresistível da indústria de diversões e informação trazem consigo atitudes e hábitos prescritos, certas reações intelectuais e emocionais que prendem os consumidores mais ou menos agradavelmente aos produtores e, através destes, ao todo. Os produtos doutrinam e manipulam, promovem uma falsa consciência que é imune à sua falsidade. E, ao ficarem esses produtos benéficos à disposição de um maior número de indivíduos e de classes sociais, a doutrinação que eles portam deixa de ser publicidade; torna-se um estilo de vida. É um bom estilo de vida – muito melhor do que antes – e, como um bom estilo de vida, milita contra a transformação qualitativa [...] a sociedade industrial que faz suas a tecnologia e a ciência é organizada para a dominação cada vez mais eficaz do homem e da natureza, para a utilização cada vez mais eficaz de seus recursos [...] a racionalidade tecnológica revela o seu caráter político ao se tornar o grande veículo de melhor dominação, criando um universo verdadeiramente totalitário no qual a sociedade e natureza, corpo e mente são mantidos num estado permanente mobilização para a defesa desse universo”.



Este movimento em duas vias promove a limitação e redução do pensamento, que só contribuiu para uniformizar o sujeito em vista de ser dominado e controlado pelos aparatos técnicos.

Com a logística e a administração do mundo pela racionalidade técnica, ocorre o processo de dominação ideológica, que, por conseguinte, promove a regressão do pensamento, submetendo o indivíduo a uma realidade falsa, deixando de lado sua subjetividade.

Assim, ao dar lugar ao mundo objetivo, o indivíduo vê-se obrigado a “[...] recriar o mundo fora dele” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 155).

A compreensão da atual sociedade é caracterizada, segundo Adorno (1951, p. 154 – 155), pelo processo em que “loucura objectiva e a impotência do indivíduo se tornam convertíveis, tal como o fascismo, enquanto ditadura dos afectados de mania persecutória, materializa todos os temores de perseguição das vítimas”. Nesse sentido,

A aberração é, em rigor, apenas o curto-circuito da adaptação: a loucura patente de um chama erroneamente no outro, pelo seu nome verdadeiro, a loucura da totalidade, e o paranoico é a imagem irrisória da vida justa ao tentar por sua própria iniciativa identificá-la com a vida falsa (*Ibid.*, p. 154).

Continua o filósofo:

O patológico no antissemitismo não é o comportamento projetivo enquanto tal, mas a ausência da reflexão que o caracteriza. Não conseguindo mais devolver ao objeto o que dele recebeu, o sujeito não se torna mais rico, porém, mais pobre. Ele perde a reflexão nas duas direções: como não reflete mais o objeto, ele não reflete mais sobre si e perde assim a capacidade de diferenciar (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 156).

Para além dessa observação, na sociedade em fase do processo industrial avançado, o homem passa a ser um brinquedo da ciência, controlado e administrado pela racionalidade técnica, que leva em consideração “[...] desempenho, rendimento e performances do trabalhador em seu trabalho” (MATOS, 2009, p. 91).

Por essa razão, Adorno e Horkheimer (1985) sustentam que o espírito torna-se, de fato, o aparelho da dominação e do autodomínio, como sempre havia suposto erroneamente a filosofia burguesa. Os ouvidos moucos, que é o que sobrou aos dóceis proletários desde os tempos míticos, não superam em nada a imobilidade do senhor. É da imaturidade dos dominados que se nutre a hiper maturidade da sociedade.

A partir do trabalho comandado, o espírito é posto no aparelho da dominação, que coloca o homem na mais extrema submissão e insensatez dos últimos tempos, ganhando forma primitiva com a administração do mundo.

Dessa forma, os autores da *Dialética do Esclarecimento* alertam que

A regressão das massas, de que hoje se fala, nada mais é senão a incapacidade de poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de poder tocar o intocado com as próprias mãos: a nova forma de ofuscamento que vem substituir as formas míticas superadas. Pela mediação da sociedade total, que engloba todas as relações e emoções, os homens se reconvertem exatamente naquilo contra o que se voltara a lei evolutiva da sociedade, o princípio do eu: meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força (*Ibid.*, 1985, p. 41).

A construção da sociedade é baseada na lei e na organização, contribuindo para a formação de agentes genéricos e passivos, devido ao fato de o pensamento perder toda a sua capacidade de reflexão:

No trajeto da mitologia à logística, o pensamento perdeu o elemento da reflexão sobre si mesmo, e hoje a maquinaria mutila os homens mesmo quando os alimenta. Sob a forma de máquinas, porém, a *rátio* alienada move-se em direção a uma sociedade que reconcilia o pensamento solidificado, enquanto aparelhagem material e aparelhagem intelectual, com o ser vivo liberado e o relaciona com a própria sociedade como seu sujeito real. A origem particular do pensamento e sua perspectiva universal foram sempre inseparáveis. Hoje, com a metamorfose que transformou o mundo em indústria, a perspectiva do universal, a realização social do pensamento, abriu-se tão amplamente que, por causa dela, o pensamento é negado pelos próprios dominadores como mera ideologia. (*ibid.*, 1985, p. 42)

Vê-se que a dominação e a submissão dos homens são ocasionadas pela perda da reflexão devido ao saber adquirido, pois é, agora, controlado e administrado pela racionalidade técnica.

Para Ramos (2008), na passagem da natureza para cultura, o homem teve que escolher entre se sujeitar à natureza ou subjugar-la. Diante das ameaças externas e das limitações, do medo que a natureza impunha, cabia ao homem se emancipar desta e tornar-se seu senhor. Mas, diante deste fato, ao subjugar a natureza ocorreu que a colocação da natureza como um Outro permitiu o desenvolvimento da ciência e a totalização do domínio da natureza.

Na mesma esteira de entendimento, Duarte (2002, p. 27) afirma que

Os autores vêem nessa abordagem do mundo consagrada pelo conhecimento científico, no sentido moderno do termo, algo que vai muito além de um engano apenas teórico: eles detectam a ocorrência de uma alienação dos

homens com relação às coisas, pagando o acréscimo do seu poder sobre elas com um estranhamento para com o objeto mesmo do seu poder.

Nota-se o quanto os homens são condicionados ao poder adquirido, ao ponto de entrarem numa profunda alienação tanto das coisas como de si próprio. Nas palavras de Duarte, “[...] a profundidade da alienação que Adorno e Horkheimer detectam no Esclarecimento não atinge apenas o relacionamento do homem com as coisas, mas ataca também o cerne das relações humanas [...]” (*ibid.*, p. 28).

Segundo Adorno e Horkheimer, “essa aparência, na qual se perde a humanidade inteiramente esclarecida, não pode ser dissipada pelo pensamento que tem de escolher, enquanto órgão da dominação, entre o comando e a obediência” (1985, p. 43). Neste sentido, todo desdobramento do progresso do esclarecimento, que acabou convertido em mito, ocasionou um pensamento administrado de mundo, a partir de um equipamento que controla as coisas: a técnica.

Predomina a máxima segundo a qual “[...] o homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 21), e, nesse sentido, o mundo administrado toma forma a partir da coesão social, de modo que o homem passa a ser dominado e controlado pelo ritmo de trabalho.

Com a divisão do trabalho o processo de dominação consolida-se em uma ferramenta cuja finalidade é a dominação. Cabe mencionar que essa dominação vai ganhando contornos desumanos, em que a desunião e o rompimento entre o sujeito e o objeto se concretizam.

Em relação à desunião ocorrida entre o sujeito e objeto, os filósofos apontam para seguinte afirmação.

No autoconhecimento do espírito como natureza em desunião consigo mesma, a natureza se chama a si própria como antigamente, mas não mais imediatamente com seu nome presumido, que significa onipotência, isto é, como "mana", mas como algo de cego, mutilado. A dominação da natureza, sem o que o espírito não existe, consiste em sucumbir à natureza (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 44).

A subordinação do homem à natureza, na compreensão de Adorno e Horkheimer (1985, p. 44) acontece da seguinte forma: “graças à resignação com que se confessa como dominação e se retrata na natureza, o espírito perde a pretensão senhorial que justamente o escraviza à natureza”.

Entretanto, por trás do esclarecimento, existem os poderes ocultados dos mitos, que tiveram a oportunidade de ser mais nítidos na forma que o esclarecimento se revela. A intrínseca relação que ocorre entre o mito e esclarecimento é observada quando o homem é

dominado pela sua necessidade natural, passando a se reconhecer no mundo imposto pela evolução da técnica como um ser passivo e submisso diante da realidade.

O progresso tecnicista permitiu tornar o homem menos mágico. Agora, ele é mais logístico, e enxerga as coisas ao seu redor de forma exclusivamente racional. Nesta perspectiva, na administração do mundo, “a ciência é tida como uma mera narrativa” (EVANGELISTA, 2006, p. 275).

O programa que o progresso iluminista previa é uma descrença, pois acaba colocando o homem na mais profunda calamidade de todos os tempos, já que “a essência do esclarecimento é a alternativa que torna inevitável a dominação” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 38).

A regressão do pensamento ocasiona nos homens a capacidade regressiva da reflexão, a ponto de gerar uma inércia total do ser, fruto do desdobramento de como a sociedade atual passa a ser compreendida pelo amplo processo de desenvolvimento industrial.<sup>8</sup> Com o mundo diante da maquinaria, a razão perdeu seu sentido crítico, e a compreensão de mundo passa a ser vista de forma administrativa.

Pela mecanização do homem, a sociedade e a vida passam a ser regidos sob os aspectos da técnica, gerenciada pelos burgueses que organizam e estruturam a vida das pessoas de acordo com seus interesses.

A regressão do pensamento volta-se quando os homens pensam que são livres dos mistérios míticos, mas acabam convertendo-se numa alienação ainda mais profunda. Segundo Ferreira (2008, p. 334),

O homem do “esclarecimento”, segundo Adorno e Horkheimer, é um homem que equivocadamente se considera livre, pois toda e qualquer forma de animismo, de particularismo ou dogma sucumbe diante do diagnóstico racional e da mentalidade insistente em busca de verdades. Daí que o desencantamento do mundo é meta da razão instrumental, e com esse desencantamento esvaem todos os costumes e tradições, fé e religiosidades, vivências e experiências de vida que não são adequáveis aos moldes racionais de observação e classificação.

---

<sup>8</sup> Apesar de Adorno não fazer referência à ideologia da sociedade industrial sob o ponto de vista do homem unidimensional, busca-se uma consideração mais detalhada sobre o processo de desenvolvimento industrial em Marcuse (1973, p. 40 – 43), para quem “[...] surge um universo de administração no qual as depressões são controladas e os conflitos estabilizados pelos efeitos benéficos da produtividade crescente [...] no capitalismo avançado, a racionalidade técnica está personificada, a despeito de seu uso irracional, no aparato produtivo [...] a mecanização cada vez mais completa do trabalho no capitalismo desenvolvido, conquanto mantendo a exploração, modifica a atitude e a condição do explorado [...] ocupação para toda vida”.

Percebe-se, portanto, nessa perspectiva, o quanto os homens são enganados e esvaziados de si mesmos, a ponto de pensarem que são livres. Por meio da razão instrumental, promove-se o esvaziamento de tudo o que é humano.

Toda a sensação de liberdade de escolha é obrigada a passar pelas diretrizes impostas pela indústria cultural, meio pelo qual a burguesia ganha força perante a grande massa, consolidando-se, assim, a construção do mundo administrado. Neste sentido, a partir do próximo capítulo busca-se discutir sobre a regressão do esclarecimento à ideologia.

## 4. REGRESSÃO DO ESCLARECIMENTO À IDEOLOGIA

*Esta ideologia torna-se a cega exaltação da vida cega, à qual se entrega a mesma prática pela qual tudo o que é vivido é oprimido*  
Adorno e Horkheimer

### 4.1 A indústria cultural como administração dos bens culturais

Como se sabe, o termo *Indústria Cultural* foi empregado pela primeira vez em 1947, quando da publicação da *Dialética do Esclarecimento*. Segundo Adorno, sua expressão remete adequadamente para mostrar como a sociedade começa a se estruturar a partir da *mitologização do esclarecimento*. Com a razão instrumental impulsionada pelos aparatos técnicos é promovida à administração do mundo.

Segundo Matos (2009, p. 78): “os bens culturais perdem sua autarquia, inscrevendo-se no movimento geral de produção da cultura como mercadoria”. O surgimento da indústria cultural como detentora do domínio técnico traz à tona as críticas referentes ao mecanismo ideológico que oculta a realidade dos indivíduos.

De acordo com Santos (2014, p. 26),

As críticas feitas pelos frankfurtianos à indústria cultural visam mostrar como na sociedade moderna a cultura transformou-se em uma grande força capaz de transmutar a arte em qualquer mercadoria. O pensamento de Adorno está diretamente atrelado a muitas reflexões no que tange ao contexto do nazifascismo que protagonizou uma das maiores catástrofes imorais da história da humanidade. Além disso, houve também os anos de exílio nos Estados Unidos que proporcionaram a ele um contato com a sociedade norte-americana (a representação do apogeu capitalista), para entender a cultura caracterizada como objeto de consumo, de modo a possibilitar nos anos 1940 que ele elaborasse, juntamente com Horkheimer, o conceito de indústria cultural como lócus essencial para compreender a cultura de massa e o engodo da técnica na sociedade moderna.

O progresso tecnicista converteu-se em uma ideologia extremamente cega, nutrindo o sujeito de uma incapacidade desprovida de pensamento autônomo e crítico, impossibilitando-o de compreender sua própria realidade. Assim, para os autores da *Dialética*, “esta ideologia torna-se a cega exaltação da vida cega, à qual se entrega a mesma prática pela qual tudo o que é vivido é oprimido” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 48).

A regressão do esclarecimento à ideologia é impulsionada pela indústria cultural, segundo Matos (2009, p. 81), é “[...] totalitária, gera e consolida preconceitos e não pensamento autônomo e livre faculdade de julgar [...]”.

Ferreira (2008, p. 334) também faz a seguinte observação sobre o domínio da indústria cultural na sociedade administrada:

a lógica proposta pela razão técnica é fria e quantificadora, tendo sido hipertrofiada pelo desenvolvimento do industrialismo e do homem capitalista, se disseminando por todas as esferas da modernidade. O efeito desse fenômeno é o fim do pensamento, a desvalorização da filosofia, e o desenvolvimento da lógica utilitarista e imediatista. Assim, a razão técnica utiliza o número como arma, que mantém o pensamento preso à mera imediatidade, tal como se faziam nas guerras da época e no nazi-fascismo.

Os autores da *Dialética do Esclarecimento* ressaltam o totalitarismo do esclarecimento, intensificando as críticas em relação à indústria cultural, que tanto manipula os indivíduos, quanto passa a organizar a sociedade. É a partir da indústria cultural que Adorno passa a compreender o mundo administrado e suas influências na coesão social:

O fato de que milhões de pessoas participam dessa indústria imporia métodos de reprodução que, por sua vez, tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais. O contraste técnico entre poucos centros de produção e uma recepção dispersa condicionaria a organização e o planejamento pela direção. Os padrões teriam resultado originalmente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência. De fato, o que explica é o círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa [...] a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade (1985, p. 100).

Desta maneira, a partir da racionalidade técnica, a sociedade passa a ser vista de forma administrada, sendo amplamente dominada pelos donos do capital, ou seja, os economicamente mais fortes, que passam a organizar a sociedade de acordo seus interesses e levam os indivíduos a assumirem uma postura de imitação em sua própria realidade.

Nesse sentido, Seligmann-Silva (2009, p. 99) compreende que

Adorno e Horkheimer, na *Dialética do esclarecimento*, apontaram tanto para o fim da possibilidade do trágico na era da indústria cultural, uma vez que o 'indivíduo trágico', aquele de *resistir, deixou de existir*, bem como para a apropriação do trágico por aquela mesma indústria cultural que o pasteuriza e o reduz aos seus fins [...].

Assim, o indivíduo trágico ao deparar-se com a indústria cultural, se vê anulado de todo o aspecto de resistência, deixando de existir; passa a ser um mero dispositivo de

condicionamento social. O homem é sujeito de uma existência passiva, tornando-se inibido e impotente.<sup>9</sup>

O sistema de dominação imposto pela sociedade industrial burguesa promoveu a redução do ser em mera mercadoria, cuja finalidade é a administração dos bens culturais.<sup>10</sup> Por intermédio da indústria cultural, a propagação da administração dos bens culturais está disposta à submissão da racionalidade técnica, que ganhou força, agilidade e notoriedade na sociedade administrada.

Por conter o germe da dominação, a racionalidade técnica a partir dos mecanismos aprimorados pela indústria cultural, coloca os indivíduos numa existência alienadora jamais imaginada, assim compreendida por Jimenez (1977, p. 85):

A indústria cultural reflete assim as mesmas relações e antagonismos que o mundo industrial das sociedades modernas, com a diferença que, cúmplice da ideologia dominante, ela tem como papel homogeneizar e tornar inofensivos os possíveis conflitos, em particular os que poderiam provir dos focos culturais.

A indústria cultural, como ideologia dominante, só favoreceu para a formação de indivíduos incapazes de pensar por si mesmos, dando lugar a uma máquina ao invés de um ser humano pensante. Neste sentido, a crítica realizada por Adorno em relação ao progresso do pensamento parte do princípio da *mitologização do esclarecimento*, onde a razão é instrumentalizada, e, por conseguinte, do avanço e aprimoramento dos meios tecnológicos, com o advento da indústria cultural como ideologia, que culmina no mundo administrado.

A indústria cultural, como recurso de dominação, atrofia o pensamento humano, ocasionando a perda da consciência do sujeito. Depois que a consciência das massas é embaraçada, inaugura-se o poder da mecanização sobre o homem, e, assim, a indústria cultural “cria condições cada vez mais favoráveis para a implantação do seu comércio fraudulento, no qual os consumidores são continuamente enganados em relação ao que lhes é prometido mas não cumprido” (ADORNO, 1996, p. 9).

---

<sup>9</sup> Para uma melhor análise, leia-se Adorno (1951, p. 148), em um dos fragmentos aforísticos de sua obra *Mínima Moralia*, segundo o qual, quando a compreensão acerca do fetichismo da mercadoria entra em cena, ocorre à anulação definitivamente o sujeito, “[...] no ideal do homem liberto, cheio de força, criativo, infiltrou-se o feiticismo da mercadoria que, na sociedade burguesa, traz consigo a inibição, a impotência, a esterilidade do sempre igual”.

<sup>10</sup> Ao remeter-se à leitura de Seligmann-Silva, é possível uma orientação acerca do fascismo na atualidade, em especial quando se trata da intrínseca relação entre o fascismo e a ideologia, com a conseqüente extinção do sujeito. No fascismo não existe mais liberdade do sujeito, assim como este sujeito deixou de existir na sociedade em que triunfou a indústria cultural que transforma toda cultura em propaganda do *status quo* e na qual a impossibilidade de se diferenciar reduz as pessoas a massa (SELIGMANN-SILVA, 2009, p. 100).



Consequentemente, a indústria cultural administra o mundo social, fazendo com que as necessidades sejam forjadas ao consumidor. Assim sendo, Santos (2014, p. 27) afirma que

na sociedade administrada, qualquer produto artístico ou cultural é transformado em mercadoria para acolher os domínios comerciais. Sumariando, pode-se apontar os seguintes aspectos que o processo de industrialização da cultura pode ocasionar: a) a cultura transformada em mercadoria perde o seu valor crítico; b) seduz os indivíduos com produtos que não incitam a crítica e mascaram a realidade, sujeitando-os aos interesses do capital; c) a partir do aperfeiçoamento da técnica, a produção e reprodução da cultura deixa o seu carácter genuíno para ser produzida como qualquer outra mercadoria.

A forma como a indústria cultural se organiza tem como propósito fazer com que o consumidor “compreenda sua condição de mero consumidor, ou seja, ele é apenas e tão-somente um objeto daquela indústria. Deste modo, instaura-se a dominação natural e ideológica” (ADORNO, 1996, p. 10). Assim, a “[...] vida humana torna-se um instante, não por ab-rogar a duração, antes por resvalar para o nada, desperta para a sua inanidade em face da má infinitude do próprio tempo” (ADORNO, 1951, p. 156).

No mundo administrado, o homem é privado de sua liberdade, dando lugar à lógica da sociedade tecnicista, em que ele passa a ser visto não pelo que é, mas pelo que produz, caindo numa espécie de alienação de si mesmo, a ponto de deixar de lado a sua subjetividade.

Nessa espécie de labirinto, é impossível que o sujeito tenha alguma possibilidade de liberdade, pois, de acordo com Adorno (1996, p. 10), “[...] nesse sentido, o universo social, além de configurar-se como um universo de ‘coisas’, constituiria um espaço hermeticamente fechado. Nele, todas as tentativas de liberação estão condenadas ao fracasso”.

Diante da coisificação do mundo, a indústria cultural não tem a pretensão de aprimorar, mas de reprimir todos os gestos. É dado lugar a máquina ao invés de homens pensantes. A este respeito, Adorno sentencia que

a marca da época é que nenhum homem, sem qualquer excepção, pode já determinar a sua vida num sentido tão transparente como o que outrora havia na avaliação das relações de mercado. Em princípio todos são objectos, mesmo os mais poderosos (1951, p. 27).

Neste aspecto, a sociedade é marcada pelo amplo processo de esclarecimento, tornando todas as relações sob o ponto de vista de mercado.<sup>11</sup> Na compreensão da lógica administrativa do mundo,

---

<sup>11</sup> A este respeito, pode-se recorrer a Marx (1987, p. 35) para uma melhor compreensão sobre a lógica mercadológica que rege a vida das pessoas, em que a cultura é manobrada pelo capital abarcando toda vida em

Assim é que se finda a vida privada para mergulhar o sujeito na homogeneidade de pensamento, dominada pelo gosto imposto a uma multidão de consumidores que trazem consigo sempre, no pensamento, no vocabulário, no comportamento, resquícios de lógica comercial, operosidade e avidez de lucro (FIANCO, 2010, p. 130).

O poder adquirido pela técnica na sociedade administrada é um poder exercido pelos donos do capital. Nota-se que atualmente a racionalidade técnica é a racionalidade conduzida para a dominação. Todo processo de domínio imposto pela ideologia da indústria cultural contribuiu “para falsificar as relações entre os homens, bem como dos homens com a natureza, de tal forma que o resultado final constitui uma espécie de antiiluminismo” (ADORNO; HORKHEIMER, 1996, p. 8).

Tanto é que, segundo Fianco (2010, p. 133),

A forma de tratamento e de relação interpessoal vai passando, então, das máquinas para os outros homens, e este processo resulta na eliminação da alteridade subjetiva e sua substituição por uma coisificação dos semelhantes. A violência latente que não seria aceita se fosse direcionada a um ser humano, pode ser aceita em relação a uma máquina, ou a um ser humano visto enquanto coisa.

O mundo administrado passa a ser moldado pela coisificação do ser humano, de modo que as pessoas passam a viver e interagir em sociedade sem nenhum sentido, sem a menor possibilidade de promover sua emancipação enquanto ser humano.

Segundo Adorno e Horkheimer (1985, p. 100), o que explica essa situação é a forma como o sistema passa a controlar “o círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa”. Dentro desse círculo da manipulação, a sociedade administrada passa a proporcionar no homem um sentimento de pertencimento a esse sistema coeso, funda-se uma sociedade marcada pela pressa, ansiedade, agitação, consumo exagerado, dentre outros aspectos de desesperos ocasionados no homem pela vida moderna, voltada ao trabalho.

Não se pode falar em administração de bens culturais sem compreender a relação que o trabalho exerce dentro da dinâmica da dominação dos indivíduos em sociedade. Cabe ressaltar que a indústria cultural funciona como um mecanismo que não só impede a conscientização dos indivíduos, como também instaura a dominação técnica. A esse respeito, Santos (2014, p. 29) afirma que

---

sociedade. Sendo assim, “a mercadoria é, na expressão dos economistas ingleses, “uma coisa qualquer, necessária, útil ou agradável para a vida”, objeto de necessidades humanas, meio de vida no sentido mais amplo da palavra”.

[...] a necessidade primária da indústria cultural é impedir a conscientização dos indivíduos, instaurando uma dominação técnica sobre a sociedade. Esse é o intuito da maquinaria econômica capitalista, que por meio da indústria cultural busca implantar um comércio fraudulento, de modo a envolver um rebanho de consumidores que são continuamente ludibriados com promessas vãs.

Certamente, pela falta de consciência dos homens, ocasionada pela dominação técnica, ou melhor, pelo mecanismo ideológico da indústria cultural, a sociedade é organizada e estruturada tecnologicamente para conduzir o homem à manipulação, a tal ponto de promover o extermínio de toda e qualquer a autonomia do sujeito.

Nesse sentido,

A indústria cultural, portanto, não mede esforços para lançar os indivíduos em estado de indigência estética, isto é, no mais completo empobrecimento da reflexão crítica e da sensibilidade artística. A padronização é o valor decisivo desta proposta cultural. Se a massificação é a pedra angular da industrialização cultural, o esforço deve ser, então, exercido em prol do extermínio da autonomia dos sujeitos (SANTOS, 2014, p. 25).

O caráter adquirido pela indústria cultural é propiciar nos indivíduos uma visão cega, cuja finalidade é “manipular tudo com que topar pela frente” (ADORNO; HORKHEIMER, 1996, p. 85). O processo de administração do sujeito ganha destaque com a indústria cultural, em que a regressão do esclarecimento é promovida à mera ideologia. A partir deste momento, a ideologia passa a funcionar como idolatria, elemento muito eficaz para a consolidação da dominação.

Neste entendimento, a indústria cultural passa a ser levada mais a sério por parte de Adorno e Horkheimer, já que ela consegue transferir “a dominação técnica para os bens culturais na modernidade, adaptando os produtos a um consumo de massa aliado aos interesses do capital, para construir um grande sistema [...]” (SANTOS, 2014, p. 26).

Adorno e Horkheimer (1985) revelam considerável inquietação em relação à regressão do esclarecimento à ideologia, quando este ganha força total por meio de dois grandes influentes aparatos ideológicos da indústria cultural, o cinema e o rádio, que disseminam na sociedade, de forma eficiente, a dominação cega das massas.

Para eles,

[...] O esclarecimento consiste aí, sobretudo, no cálculo da eficácia e na técnica de produção e difusão. Em conformidade com seu valor e conteúdo, a ideologia se esgota na idolatria daquilo que existe e do poder pelo qual a técnica é controlada (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 15).

A regressão do esclarecimento à mera ideologia possibilita ao sujeito uma vida condicionada, o qual, em sendo administrado, não consegue se impor na sociedade, já que está obcecado pela civilização.

Portanto,

Os homens obceçados pela civilização só se apercebem de seus próprios traços miméticos, que se tornaram tabus, em certos gestos e comportamentos que encontram nos outros e que se destacam em seu mundo racionalizado como resíduos isolados e traços rudimentares verdadeiramente vergonhosos (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 150).

A forma como a indústria cultural manipula os homens no progresso da civilização, tornando-os seres administrados e padronizados acaba por colocar a imitação como algo extremamente absoluto. Percebe-se, pois, o desenvolvimento da racionalidade técnica, que favorece à construção de uma sociedade administrada e de homens controlados.

A indústria cultural aprimorou-se numa ideologia cega, que passa a interferir diretamente na subjetividade do sujeito. Pode-se utilizar como exemplo o riso, que serve para enganar a felicidade, sendo um exemplo utilizado por Adorno para mostrar o quanto a subjetividade é atingida pelos aparatos ideológicos da indústria cultural. Para Adorno,

O riso torna-se nela o meio fraudulento de ludibriar a felicidade. Os instantes de felicidade não o conhecem [...] Na falsa sociedade, o riso atacou – como uma doença – a felicidade, arrastando-a para a indigna totalidade dessa sociedade. Rir-se de alguma coisa é sempre ridicularizar [...] (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 116).

A sociedade moldada pelo viés da indústria cultural constituiu a formação de pessoas com comportamento genérico, dado que “[...] cada um é tão somente aquilo mediante o que pode substituir todos os outros: ele é fungível, um mero exemplar. [...] é o puro nada” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 120). Ademais, a comparação é singular entre o homem e a mercadoria, tornando-se indissociáveis no sistema da dominação.

A instrumentalização do homem visou um fim específico: atender suas próprias necessidades. Passando o homem a ser visto como um mero objeto.<sup>12</sup>

De acordo com Fianco (2010, p. 130-131),

Estas pessoas, quando travam algum conhecimento com alguém, não estão interessadas nessa nova subjetividade, e sim em, imediatamente, poder

---

<sup>12</sup> A este respeito, leia-se Perius (2008, p.98): “O mundo da ciência e a técnica é o mundo administrado [...] sujeito impessoal, não-localizável no tempo e no espaço (Marx o capital denomina Capital), reduz o humano, a um valor de troca, a algo calculável, a *res extensa*”.

rotulá-la, poder instrumentalizá-la de acordo com seus interesses mediante um critério de utilidade e transformando-a em um objeto, de maneira a ocasionar um empobrecimento das relações humanas que não vai permitir considerar o outro enquanto tal, e sim como um mero instrumento ao sabor de sua vontade.

Na objetivação do homem, tudo passa a ser inconsistente devido à sua nova forma instrumentalizada de ser. O processo de instrumentalização levou à objetivação da vida, em que o sujeito é incapaz de guiar-se regularmente, pois se tornou um ser sem referência, pois que as relações humanas estreitaram-se a partir da evolução da técnica, acelerando seu ritmo comercial.

Os homens, ao entrarem no que Adorno chama de “chave da razão capitalista”, têm seu comportamento rapidamente transformado. Seus afetos, seu caráter, sua subjetividade dão lugar ao nascimento de um novo homem, corrompido pelas diretrizes da racionalidade técnica, cujas características são introduzidas pela técnica,<sup>13</sup> desprovido de qualidades baseadas em um ser de caráter, passando agora a ser dissimulado, competitivo, falso e mentiroso.

Sobre este novo comportamento do homem, Adorno (1951, p. 19) afirma que

Mente-se só para dar a entender ao outro que a alguém nada nele importa, que dele não se necessita, que lhe é indiferente o que ele pensa acerca de alguém. A mentira, que foi outrora um meio liberal de comunicação, transformou-se hoje numa das técnicas da insolência, graças à qual cada indivíduo estende à sua volta a frieza, e sob cuja protecção pode prosperar.

O poder da técnica em relação à existência da vida humana acirrou a formação de sujeitos administrados, e a forma de organização da sociedade a partir dos bens culturais serviu como um sistema de controle das massas. No entanto, a indústria cultural só tem interesse pelos homens como clientes e empregados, levando-os a uma ideologia cega. E sua única finalidade não é dar explicações sobre a vida, mas disseminar a ideologia para não revelar a realidade vivida dos indivíduos.

Para além disso, segundo os autores da *Dialética*

a cultura sempre contribuiu para domar os instintos revolucionários, e não apenas os bárbaros. A cultura industrializada faz algo a mais. Ela exercita o indivíduo no preenchimento da condição sob a qual ele está autorizado a levar a vida inexorável. [...] A sociedade é uma sociedade de desesperos e, por isso mesmo, presa de bandidos (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 126).

---

<sup>13</sup> Quando se fala de racionalidade técnica, compreendem Adorno e Horkheimer (1985, p. 100) com “a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma”.

Nota-se como esse sistema adquirido pela ciência caracteriza tanto a sociedade como também os indivíduos. Posteriormente, por meio dos mecanismos da indústria cultural, intensifica-se o sistema de dominação e de controle na sociedade.

Assim, de acordo com Silva (2007, p. 73):

A sociedade e os indivíduos são envolvidos, segundo os autores da Indústria Cultural, pelo esquema de dominação, consolidado pelo aparato de comunicação e por um engenhoso processo de produção, nem gigantesco agrupamentos de elementos, sob um sofisticado processo comunicativo e visual. A indústria cultural se caracteriza, pois, por uma massificação cultural que gera uma mercantilização da cultura, de um lado, e pela alimentação e sustentação do sistema de dominação, de outro. Ela gera um novo sistema capaz de suprir a dissolução dos sistemas que norteiam e davam sustentação à sociedade. Faz-se presente, deve-se ressaltar a ideia de unidade do sistema que se caracteriza pela padronização e produção em série.

A ideologia é o mecanismo para dominar todas as esferas da sociedade, dando forma e características ao sistema da dominação, promovendo o engano nas pessoas. Nas palavras de Adorno e Horkheimer (1985, p. 128): “[...] as particularidades do eu são mercadorias monopolizadas e socialmente condicionadas, que fazem passar por algo de natural”.

É importante destacar que, nesse sentido, com o desenrolar de todo processo do esclarecimento, em especial quando a indústria cultural entra em cena, ela adquire alma de negócio, conseguindo alcançar e assumir a *herança civilizatória*, sendo marcada pelo amplo processo de racionalização técnica, desenvolvendo uma sociedade onde a cegueira alcança tudo, porque nada é compreendido.

A questão que sucede é a seguinte: “[...] a cultura converteu-se totalmente numa mercadoria, difundida como uma informação, sem penetrar nos indivíduos dela informados” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 162). A partir da indústria cultural, é projetada tanto nos trabalhadores ativos quanto nos inativos a necessidade do consumo, abrangendo, assim, toda a sociedade.

Adorno e Horkheimer (1985, p. 110) assim a compreendem:

Atualmente em fase de desagregação na esfera da produção material, o mecanismo da oferta e da procura continua atuante na superestrutura como mecanismo de controle em favor dos dominantes. Os consumidores são os trabalhadores e os empregados, os lavradores e os pequenos burgueses. A produção capitalista os mantém tão presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido. Assim como os dominados sempre levaram mais a sério que os dominadores a moral que deles recebiam, hoje as massas logradas sucumbem mais facilmente ao mito

do sucesso que os bem-sucedidos elas têm os desejos deles. Obstinadamente insistem na ideologia que as escraviza.

O resultante disso é uma sociedade marcada pelo poder fluentemente da máquina que consegue girar sem sair do lugar, mas proporciona, alcança o objetivo de conformar os compradores. Diante do mundo do trabalho, a ideologia escraviza os homens de modo que não exista liberdade em nenhum momento da vida. Quando se trata da produção em série, os consumidores são abduzidos pela técnica, mas não aos conteúdos teimosamente repetidos, ociosos e já em parte abandonados.

Nesta questão, o problema em vista é aparentemente simples: a ideologia é a alma do negócio. Sendo assim, o poder da indústria cultural provém de sua identificação com a necessidade produzida. Por isso, os autores da *Dialética do Esclarecimento* sustentam que

A indústria cultural não cessa de lograr seus consumidores quanto àquilo que está continuamente a lhes prometer. A promissória sobre o prazer, emitida pelo enredo e pela encenação, é prorrogada indefinidamente: maldosamente, a promessa a que afinal se reduz o espetáculo significa que jamais chegaremos à coisa mesma, que o convidado deve se contentar com a leitura do cardápio (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 115).

O sistema de dominação que gerencia a sociedade e os indivíduos pelo fio condutor da indústria cultural promove o esvaziamento da autonomia do sujeito até em seu tempo livre, quando é, também, manipulado e subordinado aos mecanismos ideológicos. Por meio de métodos próprios, tanto ludibria os indivíduos quanto obtém lucratividade em seu período de folga. O indivíduo em sociedade é reduzido a um órgão receptivo do mercado, sendo um imitador de ideias e de estilos escolhidos pelos donos do capital que também são gerenciados de acordo com as vontades da indústria cultural diante da sua própria realidade.

#### **4.2 A indústria cultural como dominação do tempo livre**

A relação existente entre o tempo livre e a indústria cultural nada mais é senão uma relação de domínio, colocando sempre o indivíduo como mero objeto à disponibilidade dessa mesma indústria.

Via-se o tempo livre sempre como um período de folga, em relação ao tempo preenchido pelo trabalho. Mas, com o predomínio da indústria cultural, o tempo livre converteu-se em um tempo preenchido para fins lucrativos.

Segundo Adorno e Horkheimer (1985, p. 105), os produtos da indústria cultural podem ter certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los alertamente. Cada qual é

um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início, não dá folga a ninguém, tanto no trabalho quanto no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho.

A indústria cultural como mecanismo ideológico favorece a cadeia de dominação, acorrentando o indivíduo, que não consegue ter liberdade dentro da lógica capitalista. Desta maneira, compreende-se que as pessoas, “[...] nem em seu trabalho, nem em sua consciência dispõem de si mesmas com real liberdade” (ADORNO, 2002, p. 103).

Com a propagação do mundo voltado exclusivamente ao trabalho, o indivíduo não tem liberdade em nenhum momento da vida.

Se se quisesse responder à questão sem asserções ideológicas, tornar-se-ia imperiosa a suspeita de que o tempo livre tende a direção contrária à de seu próprio conceito, tornando-se paródia; deste. Nele se prolonga a não-liberdade, tão desconhecida da maioria das pessoas não-livres como a sua não-liberdade, em si mesma (ADORNO, 2002, p. 104).

Dentro da lógica capitalista, os homens são dominados pelo poder econômico, por isso a dominação ocorre até em seu tempo livre. Assim, as formas de vida social passam a ser organizadas segundo o regime do lucro. A partir da lucratividade, a sociedade passa a ser filtrada pelo domínio do fetichismo da mercadoria.<sup>14</sup>

De acordo com Adorno (1996, p. 80), com a “manipulação do gosto e a aparência individual da cultura oficial, a qual forçosamente aumenta a proporção em que se agiganta o processo de liquidação do indivíduo”, ocorre a transformação no mundo pelo *processo de reificação*.

A cultura passa a ser considerada uma mercadoria, interferindo diretamente nos indivíduos que são dominados pelo fetiche, acarretando a paralisia da crítica na sociedade. Sendo, portanto, uma sociedade da irracionalidade, o fetichismo entra nesse espaço como uma ferramenta de controle.

Sobre a indústria cultural como gerenciadora da sociedade administrada, Adorno a concebe como o princípio de atender as necessidades e as satisfações dos indivíduos em

---

<sup>14</sup> Para uma melhor compreensão sobre o fetichismo da mercadoria, pode-se recorrer a Marx (1987, p. 35), desde que a força de trabalho passa a ser compreendida como mercadoria, ocorrendo assim, a transformação da força do trabalho convertida em coisa. Consequentemente, a organização social é dirigida para fins lucrativos. A ideologia imposta por trás do fetichismo acaba por converter-se na mais pura forma de escravidão. Diante do caráter adquirido pelo fetichismo, a sociedade é enxergada como mercadoria, simplesmente pelo duplo ponto de vista de valor de uso e valor de troca. Através da relação de trabalho, pelo modo de produção, consumo e lucratividade [...] O valor de uso só tem valor para o uso, e se efetiva apenas no processo de consumo. Assim, o valor de troca coloca o homem numa posição facilmente manipuladora, aceitando as coisas sem nenhuma resistência. Tornando-se um ser alienado e desprovido de sua emancipação, sendo impossível que seja capaz de exercer um papel crítico e autônomo na sociedade.



sociedade. A indústria cultural como sistema ideológico mascara a realidade do sujeito, tornando-o um mero agente dominado, manipulável e ao mesmo tempo um eterno consumidor, como um objeto a disposição da indústria cultural.

Os consumidores são os trabalhadores e os empregados, os lavradores e os pequenos burgueses. A produção capitalista os mantém tão presos com corpo e alma que eles sucumbem sem resistências ao que lhes é oferecido. [...] Obstinadamente, insistem na ideologia que as escraviza (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 110).

O desencadeamento do poder que o fetiche passa a ter nos indivíduos é para e pela diversão. Segundo Adorno e Horkheimer (1985, p. 112 - 113): “a indústria cultural permanece a indústria da diversão, que “é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado”. Por conseguinte, o mecanismo ideológico da indústria cultural é a alma do negócio dentro desse sistema de dominação.

Assim, em termos de negócios, a indústria cultural tem uma visão muito competente e lapidada, enxergando o homem

[...] como clientes e empregados e, de fato, reduziu a humanidade inteira, bem como cada um de seus elementos, a essa fórmula exaustiva. Conforme o aspecto determinante em cada caso, a ideologia dá ênfase ao planejamento ou ao acaso, à técnica ou à vida, à civilização ou à natureza. Enquanto empregados, eles são lembrados da organização racional e exortados a se inserir nela como bom senso. Enquanto clientes, verão o cinema e a imprensa demonstrar-lhes, com base em acontecimentos da vida privada das pessoas, a liberdade de escolha, que é o encanto do incompreendido (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 121).

A indústria cultural favorece o esvaziamento do sujeito na sociedade, ao ponto de ele mesmo não conseguir se familiarizar consigo mesmo e com seu semelhante. Tornando-se claro que ela não tem pretensão nenhuma de “dar explicação da vida como algo dotado de sentido, mais vazia torna-se necessariamente a ideologia que ela difunde” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 121).

De qualquer modo, é interessante citar que a racionalidade técnica no contexto de dominação contribuiu para que o progresso civilizatório inspirasse uma série de conjecturas acerca do trabalho, acarretando uma modificação significativa tanto na sociedade quanto no próprio homem, de modo que o trabalho hoje é almejado e glorificado no mundo contemporâneo.

Neste sentido, essa dominação ocorrida na sociedade é ocasionada tanto externa como internamente. Tanto que, de acordo com Musse (2016, p. 123),

Essa situação, ápice de um movimento de integração social, no entanto, só se tornou possível porque a coação não é apenas externa. Ela assenta-se também, para além do consentimento, numa demanda das pessoas, acostumadas a viver conforme os ditames da não liberdade.

Segundo Adorno, em relação à não liberdade existente na lógica do capitalismo, a ideia é anular definitivamente o sujeito, de modo que fique, de um lado, reduzido a um objeto dentro da cadeia de um negócio, e, de outro, um agente da passividade e do conformismo.

Tudo só tem valor na medida em que se pode trocá-lo, não na medida em que é algo em si mesmo. O valor do uso da arte, seu ser, é considerado como um fetiche, e o fetiche, a avaliação social que é erroneamente entendida como hierarquia das obras de arte – torna-se seu único valor de uso, a única qualidade que elas desfrutam. É assim que o caráter mercantil da arte se desfaz ao se realizar completamente. Ela é um gênero de mercadorias, preparadas, computadas, assimiladas à produção industrial, compráveis e fungíveis, mas a arte como um gênero de mercadorias, que vivia de ser vendida, e, no entanto, de ser invendível, torna-se algo hipocritamente invendível, tão logo o negócio deixa de ser meramente sua intenção e passa a ser seu único princípio (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 131).

O sentido que se faz da arte como fetiche, com base em que tudo passa a ser visto como mercadoria, inclusive o próprio homem, culmina na coisificação do mundo. É configurada uma nova sociedade, que promove “o processo de liquidação do indivíduo” (ADORNO; HORKHEIMER, 1996, p. 80).

A partir da liquidação do indivíduo, surge uma nova concepção de homem: sujeitos frágeis, vulneráveis e individualistas. Diante da força do sistema de dominação comercial, sobretudo midiático, a forma de controle no mundo tem a contribuição do fetichismo da mercadoria, um mecanismo ideológico que favorece à logística do capital, passando a interferir diretamente tanto na consciência quanto no inconsciente dos indivíduos em sociedade.

Nesse sentido, Musse (2016, p. 125) afirma que a produção e consumo atingem tanto a consciência como o inconsciente dos indivíduos, “reificando as atividades no tempo livre e, assim, a própria esfera da vida imediata”. A compreensão que se tem do indivíduo, diante do mundo do fetichismo, é um ser vulnerável, frágil e incapaz de pensar por si mesmo, controlado e estimulado pelo consumismo.

Outro processo de fragilidade e incapacidade é promovido por essa nova ordem social, conforme afirma Cruz (2011, p. 42):

numa incessante busca do seu bem-estar e uma supervalorização do EU, o indivíduo moderno torna-se frágil e vulnerável à medida que se fecha para o outro e imerge dentro de si. Esse individualismo estimulado pelo consumismo foi esvaziando o sujeito a tal ponto que ele já não tem mais forças para lutar pelos ideais comunitários e transfere a responsabilidade política para os partidos por não ter tempo disponível para a “res publica” estando envolvido nos seus próprios negócios, em seu mundo, cuidando dos seus interesses.

Nota-se, nessa nova constituição de sociedade, baseada no trabalho integrado ao tempo livre: os objetivos propostos pela indústria cultural são alcançados sem muitas dificuldades: mascarar a realidade do sujeito, inclusive em seu tempo livre.

Segundo Adorno (2002, p. 108): “[...] as pessoas não percebem o quanto não são livres lá onde mais livres se sentem, porque a regra de tal ausência de liberdade foi abstraída delas”. Neste caso, só favoreceu para promover o consumo exagerado e o individualismo, demonstrando, assim, ainda mais a fraqueza do homem em sociedade, onde reina o poderio da submissão geral das massas, que são embaraçadas devido à submissão da vida humana à coerção do sistema capitalista.

A forma como o sistema capitalista apodera-se do indivíduo é muito peculiar. Nas palavras de Musse,

A figura do capitalista, um indivíduo que adota a acumulação monetária como meta subjetiva, operando como “capital personificado” – “dotado de vontade e consciência” –, constitui, segundo ele, uma condição tão necessária ao funcionamento do moderno processo de produção como a existência e disponibilidade do “trabalhador livre” (2016, p. 108-109).

O poder gerenciado pela minoria é responsável pela manipulação e controle da grande massa, utilizando-se da cultura puramente trabalhista, materialista e, acima de tudo, de uma hostilidade indescritível, que consegue aprisionar os indivíduos sem muito esforço devido à satisfação de suas necessidades.

Nas palavras de Musse (2016, p. 114), parte dessa hostilidade “[...] explica-se pelo fato de que o trabalhador não é proprietário dos resultados de seu trabalho, atributo essencial da produção de bens no capitalismo”. A alienação a partir do trabalho despertou no trabalhador simplesmente um meio para atender a satisfação de outras necessidades.

A diversão entra em cena como um instrumento aliado à indústria cultural para manter os homens sob controle. E, nesse sentido,

A mecanização das relações sociais da modernidade atingiu tal ponto de sobreposição ao homem que ela determina até mesmo as mercadorias que serão aproveitadas em sua diversão. Assim, até mesmo no lazer e na

felicidade, as pessoas reproduzem o próprio processo do trabalho estabelecido pelas relações capitalistas de produção. O trabalho intelectualizado se perde, e o homem se torna um reproduzidor de funções padronizadas e relativamente repetitivas (FERREIRA, 2008, p. 335).

A diversão passa a ter, neste cenário onde reina a dominação, *status* de ferramenta de controle e consolo dos indivíduos que utilizam desse recurso para se livrarem do período trabalhado, como meio de promover sua liberdade, mas são guiados a entrar num estado de impotência por meio da diversão sem nenhuma resistência.

O sentido basilar da diversão é a promoção da impotência: a instauração e naturalização da falácia que se traduz em satisfação. Divertir, em última instância, significa abrir mão da possibilidade de refletir sobre aquilo que se está assistindo. A “contemplação estética” promovida pela indústria cultural pretende suavizar o pensamento, isto é, torná-lo dócil, inapto para resistir às forças externas a ele que almeja domesticá-lo (SANTOS, 2014, p. 30).

Por sua vez, Adorno (1996, p. 80) afirma que “[...] diante dos caprichos teológicos das mercadorias, os consumidores se transformam em escravos dóceis; os que em algum setor se sujeitam a outros, neste setor conseguem abdicar de sua vontade, deixando-se enganar totalmente”.

Ademais, afirma Ferreira (2008, p. 335):

Como dito, o próprio lazer é moldado pelas diretrizes culturais capitalistas, e a diversão torna-se uma extensão do trabalho, envolvendo relações de dinheiro, de interesse e de disputa. Tolhendo a consciência das massas e instaurando o poder da mecanização sobre o homem, a indústria cultural cria condições favoráveis para a implantação do seu tipo de comércio. Como exemplo, mencionam o cinema, que suscita o desejo e sugere, através das suas imagens, um mundo irreal a ser cobiçado pelos indivíduos.

Sendo assim, o mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural, que, como detentora do mundo, consegue disseminar seu poder e suas influências entre os indivíduos sem nenhuma dificuldade.

Portanto, a rapidez proporcionada pela tecnologia faz com que o homem viva de maneira compulsiva, a ponto de ser manobrado como máquinas, obediente ao comando em tempo integral, seja no trabalho ou fora dele. Fonte de dominação até do tempo livre, a indústria cultural promove a mercantilização da vida, modelo em que o homem é visto como coisa, como um objeto que, por meio do trabalho, é subordinado aos aparatos do mundo administrado, e que, pela ilusão de sua liberdade, contribuiu ainda mais para consolidar a dominação na humanidade.

Assim, explica-se Adorno (1951, p. 140):

Ao administrar a humanidade inteira, administra também o hiato entre humanidade e cultura. Com subjectiva soberania dispõe-se, com humor, até da rudeza, da apatia e da limitação objectivamente impostas aos submetidos. Nada caracteriza tão fielmente esta situação, ao mesmo tempo integradora e antagónica, como a instalação da barbárie. Mas, além disso, a vontade dos que dispõem pode apelar para a vontade universal. A sua sociedade de massas não obtém só escória para os clientes; criou ainda os próprios clientes. Estes tornaram-se famintos de cinema, de rádio e de revistas ilustradas; o que sempre os deixou insatisfeitos mediante a ordem, que a eles vai buscar, sem dar, o que lhes promete, atçou apenas o desejo de que o carcereiro deles se lembre e lhes ofereça pedras com a mão esquerda para acalmar a sua fome, enquanto com a direita retém o pão. Desde há um quarto de século os velhos burgueses, que ainda devem conhecer outras situações, acorrem sem resistência à indústria cultural, cujo perfeito cálculo inclui os corações necessitados. Não têm nenhum motivo para se indignar contra a juventude corrompida até à medula pelo fascismo. Os privados da sua subjectividade, os culturalmente deserdados, são os legítimos herdeiros da cultura.

Desta maneira, tanto a sociedade quanto os indivíduos são moldados pelo sistema de dominação, que, através da racionalidade técnica, deforma o indivíduo, promovendo sua decadência diante da sociedade administrada, que extingue toda liberdade do indivíduo.

Em plena sociedade repressiva, a emancipação do indivíduo não o beneficia, mas antes o prejudica. A liberdade perante a sociedade rouba-lhe a força de ser livre. Pois, por real que possa ser o indivíduo na sua relação com os outros, concebido como absoluto, é uma simples abstracção. Nele não há conteúdo algum que não esteja socialmente constituído, nem movimento algum que prescindia da sociedade, que não esteja orientado de modo que a situação social o anule a ele (ADORNO, 1951, p. 142).

Faz-se necessário citar que a primeira maneira em que ocorre a eliminação do indivíduo é a liquidação do trágico. Por conseguinte, em plena sociedade repressiva, ocorre novamente a eliminação do indivíduo. A indústria cultural apodera-se dessa liquidez do trágico para que a ideologia seja ainda mais dominante, conforme sustenta Duarte (2003, p.64)

Mas no âmbito do capitalismo tardio, muito especialmente no da indústria cultural por sua própria vinculação à inarredável sedimentação estética do trágico, esse se encontra ameaçado de pura e simples extinção pelo fato de que tendem a desaparecer os indivíduos com a coragem de se posicionar diferentemente da massa, que, por sua vez, é – com raras exceções - uma reprodutora, naturalmente sem consciência porém com fidelidade, da ideologia dominante.

A sociedade atual é caracterizada pela venda no mercado. Na mesma linha de pensamento, sobre a administração do mundo pela dominação, compreende Silva (2007, p. 61) que

A sociedade da administração, ao mesmo tempo, dota de bens os indivíduos e fortalece as instituições e também instrui o indivíduo à assimilação ao sistema de dominação. Nela há uma maior oferta de bens e informações a sociedade. Em contrapartida, os indivíduos são impedidos de esboçar qualquer reação e oposição, tornando presa fácil ao sistema. Opera-se, com isso, a reificação do homem.

Compreender o mundo tecnológico e a conseqüente administração do mundo é perceber que o trabalhador não está livre nem em seu tempo considerado livre. Outra conclusão se faz pertinente nesse panorama: a quantidade da diversão organizada converteu-se na qualidade da crueldade organizada em sociedade. Assim, o caráter adquirido pela indústria cultural não sublimaria, mas reprimia todos os gestos humanos.

De acordo com os filósofos da *Dialética*:

O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. O homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu *em- si torna para- ele*. Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 21).

Diante do sistema de dominação, Adorno e Horkheimer apontam que o comportamento mimético do sujeito pela práxis racional, ou seja, pelo trabalho, culminou no comportamento controlado, cuja finalidade foi a manipulação da realidade, pois

o processo de dominação se revela, sobretudo, no domínio técnico, subjacente àquilo que se poderia chamar o poder do trabalho na linha de montagem. Revela-se mais uma contradição que caracteriza a dialética do esclarecimento. As facilidades técnicas que acompanham a existência atual possibilitam a permanência da dominação, oriunda de uma fixação nos instintos que favorecem a opressão (SILVA, 2007, p. 60-61).

Em meio ao processo de dominação incontrolável, as palavras de Adorno e Horkheimer são ainda mais cruciais, em seus argumentos acerca da sociedade atual, quando se referem ao amplo *processo de esclarecimento*, chegando ao ápice com a indústria cultural, que passa a controlar todas as esferas da sociedade, acorrentando o indivíduo dentro da lógica mercadológica. Segundo Adorno e Horkheimer (1985, p. 168),

Desde que o pensamento se tornou um simples setor da divisão do trabalho, os planos dos chefes e especialistas competentes tornaram supérfluos os indivíduos que planejam sua própria felicidade. A irracionalidade da adaptação dócil e aplicada à realidade torna-se, para o indivíduo, mais racional que a razão. Se, outrora os burgueses introjetavam a coação em si mesmos e nos trabalhadores como um dever de consciência, agora o homem inteiro tornou-se sujeito-objeto da repressão. O progresso da sociedade industrial, que devia ter eliminado como que por encanto a lei da

pauperização que ela própria produzira, acaba por destruir a ideia pela qual o todo se justificava: o homem, enquanto pessoa, enquanto portador da razão. A dialética do esclarecimento transforma-se objetivamente na loucura.

Com a organização da sociedade a partir da indústria cultural, entra em cena uma nova forma de enxergar as mudanças na sociedade contemporânea, mudanças estas que alteram no modo como as pessoas passam a se socializar, a partir dos ditames da cultura difundida pelos donos do capital, com base na qual o consumidor se torna ideologia da indústria da diversão.

Diante de uma sociedade que fabrica e manipula a realidade, a vida humana passa a ser regida pelo constante desgaste e esmagamento de toda resistência que estava presente nos indivíduos. Com o poder da indústria cultural, os indivíduos são condicionados e passivos, que aceitam e consomem o que a indústria cultural lhes oferece para o tempo livre, pois, segundo Musse (2016, p. 126), “[...] na manifestação do poder coercitivo que predispõe as pessoas a eleger uma ocupação para preencher as horas em que não se trabalha ressoa a barbárie atual; reafirma-se a não liberdade do indivíduo, resultado de uma integração social regressiva”.

Assim, a indústria cultural como ferramenta ideológica, nesse contexto de dominação, de caráter totalmente regressivo, favorece o desenvolvimento de um indivíduo que não sabe agir corretamente em sociedade, ficando dependente do pensar puramente capitalista, não consegue mudar sua realidade passiva e submissa. Neste sentido, a indústria cultural com seus mecanismos ideológicos consegue consolidar ainda mais o sistema de dominação na sociedade administrada.

### **4.3 A indústria cultural como esclarecimento e ideologia**

Quando a indústria cultural passa a ditar sua ordem no mundo, o advento do capitalismo tardio acarreta uma série de caos na cultura, pois os mecanismos ideológicos da indústria cultural “são os mesmos dos velhos passatempos e arte menor, congelados – ela domina e controla, de fato e totalmente, a consciência e inconsciência daqueles aos quais se dirige e de cujo gosto ela procede, desde a era liberal” (ADORNO, 2002, p. 114).

Assim, o mecanismo que a ordem totalitária põe a seu serviço é tão antigo quanto a civilização da humanidade. Neste sentido, isso se dá devido ao caos que ocorre na cultura, na medida em que avança o progresso do pensamento.

Isto ocorre, segundo os filósofos da *Dialética*,

Pois a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo todos o são em conjunto. Até mesmo as manifestações estéticas de tendências políticas opostas entoam o mesmo louvor do ritmo de aço. Os decorativos prédios administrativos e os centros de exposição industriais mal se distinguem nos países autoritários e nos demais países (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 99).

O sistema capitalista apoderou-se com muita eficácia dos mecanismos ideológicos da indústria cultural, favorecendo o domínio de indivíduos que interagem de forma muito peculiar dentro desse sistema de dominação, instaurado pela ideologia.

Nesse sistema de dominação imposto pela indústria cultural, ocorre o aprisionamento do indivíduo, que não consegue ter uma postura autônoma e positiva na sociedade, mas promove o atrofiamento tanto de sua espontaneidade como de sua imaginação, que, por meio dos produtos fabricados, conseguem paralisar suas capacidades, devido à constituição objetiva.

Nesse sentido,

[...] a racionalização da técnica disseminada pela indústria cultural reforça uma fantástica do mundo científico-tecnológico, que dificulta possibilidades alternativas de compreensão da realidade [...] O telespectador-consumidor torna-se prisioneiro da racionalidade instrumental que, ao invés de favorecê-lo no uso da razão, estimula-o à indolência, à inatividade e à delegação da capacidade de pensar. Ao invés do progresso, a estagnação ou o retrocesso; em lugar do esclarecimento, a alienação (BALDESSARELLI; NOBRE, 2015, p. 108).

O pensamento, em seu percurso rumo ao progresso, estagnou-se ao se deparar com a razão instrumental. A racionalidade técnica apropriou-se de todas as ferramentas necessárias à indústria cultural para disseminar seu domínio por meio de sua ideologia. Com essa influência extremamente significativa, impede que seja possível uma sociedade emancipada.

Desta maneira, efetiva-se a consolidação de uma sociedade administrada, na qual, diante do esclarecimento, tudo é massificado, em decorrência do *processo de reificação*.

Confirmando este entendimento, Jimenez (1977, p. 89) considera que

Tudo é falso em uma sociedade em que as relações dos homens com a natureza e dos homens entre si são fundamentalmente viciadas pela dominação natural e ideológica. O motor desta dominação é o desejo de posse, constantemente renovado pelo progresso científico e técnico, e sabiamente controlado no mundo administrado pela *Kulturindustrie* (indústria cultural). O universo da reificação e da “recuperação” inevitável, constitui um recinto hermeticamente fechado (Adorno emprega o termo *Geschlossenheit*), em que todas as tentativas de liberação são condenadas ao fracasso (JIMENEZ, 1977, p. 89).



Em outras passagens da *Dialética do Esclarecimento*, os autores alertam:

enquanto na realidade este colosso inconsciente que é o capitalismo sem sujeito leva a cabo cegamente a destruição, o desvario do sujeito rebelde espera dessa destruição sua realização e assim irradia para os homens tratados como coisas ao mesmo tempo sua frieza glacial e o amor pervertido que, no mundo das coisas, tomou o lugar do amor espontâneo. A doença torna-se sintoma de convalescença. Na transfiguração das vítimas, o desvario reconhece sua humilhação. Ele se iguala ao monstro da dominação, que ele não pode superar a realidade (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 94).

Ademais, Adorno e Horkheimer (1985) dizem que a enfermidade do indivíduo é ocasionada pelo aparelho intelectual aguçado do homem, que atua de novo contra os homens - como a arma cega da pré-história animal que ele nunca deixou de ser para a espécie -, ao se voltar contra o resto da humanidade.

Do mesmo modo que, desde sua ascensão, a espécie humana mostrou-se em face das demais como a mais evoluída historicamente e, por isso mesmo, como o mais terrível potencial de destruição, do mesmo modo que, no interior da humanidade, as raças mais avançadas se confrontaram com as mais primitivas, e os povos tecnicamente mais bem equipados com os mais lentos, assim também o indivíduo doente se confronta com os outros indivíduos, tanto na megalomania quanto na mania de perseguição.

Com a redução do pensamento ao saber, os indivíduos são neutralizados e projetados para buscar meios de adaptar-se ao mundo do mercado de trabalho. Os homens acabam entrando num estado doentio e paranoico diante da variedade de barbárie contra ele cometida, sendo incapazes de compreender sua própria realidade.

Concluem Adorno e Horkheimer (1985, p. 163):

Assim naufraga essa autorreflexão do espírito que se opõe à paranoia. Finalmente, sob as condições do capitalismo tardio, a semicultura converteu-se no espírito objetivo. Na fase totalitária da dominação, a semicultura chama de volta os charlatões provincianos da política e, com eles, como uma *ultima ratio*, o sistema delirante, e o impõe à maioria dos administrados já amolecidos, de qualquer maneira, pela grande indústria e pela indústria cultural. Hoje em dia, é tão fácil para uma consciência só devassar o absurdo da dominação que ela precisa da consciência doente para se manter viva. Só os loucos que sofrem de delírio de perseguição toleram a perseguição em que necessariamente resulta a dominação, na medida em que lhes é permitido perseguir os outros.

A compreensão parte do princípio de que a razão seria a salvação para libertar os homens do medo, dando-lhes poder de um senhor no comando, mas a razão assumiu uma posição subordinada de mero instrumento de dominação, e não consegue tornar o homem livre e senhor. Assim, compreende Horkheimer (2002, p. 26):

Tendo cedido em sua autonomia, a razão tornou-se um instrumento. No aspecto formalista da razão subjetiva, sublinhado pelo positivismo, enfatiza-se a sua não-referência a um conteúdo objetivo; em seu aspecto instrumental, sublinhado pelo pragmatismo, enfatiza-se a sua submissão a conteúdos heterônimos.

No que diz respeito ao *processo de mecanização*, a razão instrumental só contribuiu para expandir o poder imposto pela indústria cultural, tornando a submissão elemento chave para compreender os mais diversos conteúdos heterônimos da sociedade contemporânea.

Na medida em que o mundo deixa de ser mágico, a luz do esclarecimento é enaltecida. Declaram, então, os filósofos:

Para a *ratio*, o abandono à criatura adorada não passa de idolatria. O necessário desaparecimento da divinização é uma consequência da proibição da mitologia, tal como decretada no monoteísmo judeu e executada na história do pensamento sobre as diversas formas de veneração por sua forma secularizada, o esclarecimento (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 94).

O desejo pela dominação da natureza foi mais avassalador com o advento da indústria cultural, que proporcionou uma falsa clareza na sociedade. Por meio da técnica da indústria cultural, sociedade e indivíduos foram levados à padronização e à produção em série, especialmente na sociedade ocidental contemporânea, tornando os indivíduos manipulados e administrados. A esse respeito, os autores da *Dialética do Esclarecimento* dizem que

A verdadeira natureza do esquematismo, que consiste em harmonizar exteriormente o universal e o particular, o conceito e a instância singular, acaba por se revelar na ciência atual como o interesse da sociedade industrial. O ser é intuído sob o aspecto da manipulação e da administração (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 73).

Mais adiante, continuam os filósofos:

A função que o esquematismo kantiano ainda atribuía ao sujeito, a saber, referir de antemão a multiplicidade sensível aos conceitos fundamentais, é tomada ao sujeito pela indústria. O esquematismo é o primeiro serviço por ela ao cliente. Na alma devia atuar um mecanismo secreto destinado a preparar os dados imediatos de modo a se ajustarem ao sistema da razão pura. Mas o segredo está hoje decifrado. Muito embora o planejamento do mecanismo pelos organizadores dos dados, isto é, pela indústria cultural, seja imposto a esta pelo peso da sociedade que permanece irracional apesar de toda racionalização, essa tendência fatal é transformada em sua passagem pelas agências do capital do modo a aparecer como o sábio desígnio dessas agências. Para os consumidores, não há nada mais a classificar que não tenha sido antecipado no esquematismo da produção (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 103).

Assim, é dado lugar ao domínio da indústria, que passa a controlar os indivíduos na sociedade administrada.

Para Adorno e Horkheimer, a indústria cultural não está a brincar, mas a serviço de um modo de produção de esquemas, visando manipular por mimese. Sendo assim, todo modo de pensar e comportar-se são facilmente acomodados e assimilados, e, por conseguinte, é promovida à imitação generalizada.

Em relação ao comportamento imitativo, Corsini (2015, p. 277) afirma que “as pessoas acabam se orientando por produtos massificados que já são pré-digeridos. Os produtos são fabricados para o consumo: são fabricados segundo os padrões do próprio entendimento, pois a indústria cultural é a racionalização imposta do alto”.

Para Adorno e Horkheimer, todo abandono tem algo de mimetismo. Sendo assim, quando se constitui a padronização dos indivíduos, alcança-se a passagem da mimese refletora para a reflexão controlada. A sociedade ocidental contemporânea é marcada pelo amplo processo de informação e conhecimento em que tudo se reduz à venda.

Nas palavras de Adorno e Horkheimer (1985, p. 138):

[...] a indústria cultural assumiu a herança civilizatória da democracia de pioneiros e empresários, que tampouco desenvolvera uma fineza de sentido para os desvios espirituais. Todos são livres para dançar e para divertir, do mesmo modo que, desde a neutralização histórica da religião, são livres para entrar em qualquer seitas. Mas a liberdade da ideologia, que reflete sempre a coerção econômica, revela-se em todos os setores como a liberdade de escolher o que é sempre a mesma coisa. A maneira pela qual uma jovem aceita e se desincumbe do *date* obrigatório, a entonação no telefone e na mais familiar situação, a escolha das palavras na conversa, e até mesmo a vida interior organizada segundo os conceitos classificatórios da psicologia profunda vulgarizada, tudo isso atesta a tentativa de fazer de si mesmo um aparelho eficiente e que corresponda, mesmo nos mais profundos impulsos instintivos, ao modelo apresentado pela indústria cultural [...] As mais íntimas reações das pessoas estão tão completamente reificadas por elas próprias [...] Eis aí o triunfo da publicidade na indústria cultural, a mimese compulsiva dos consumidores, pela qual se identificam às mercadorias culturais que eles, ao mesmo tempo, decifram muito bem.

A indústria cultural assume, pois, a herança civilizatória, por meio dos aparatos técnicos e ideológicos, e favorece a dominação ideológica, levando os indivíduos a comportarem-se por mimese, falseando sua própria realidade. Consolida, então, a administração do mundo e a regressão do pensamento na sociedade ocidental contemporânea.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pressuposto do desencantamento do mundo não consegue livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Pelo contrário, levou a humanidade às mais diversas barbáries de todos os tempos. Na medida em que os homens libertam-se das potências míticas da natureza, o mundo passa a ser reconhecido sob o viés da logística administrativa, em que o indivíduo esclarecido e civilizado ganha representabilidade diante do contexto moderno.

Os homens, ao se distanciarem da natureza, passam a compreendê-la não mais como algo mágico, misterioso. Prevalece, então, o uso exclusivo da razão, com base em que os indivíduos perdem toda a admiração e respeito aos elementos místicos que a natureza carregava em si. Como o indivíduo é enaltecido pelo poder de saber das coisas, o mundo deixou de ser mágico e passou a ser mais lógico e administrativo. O despertar do homem faz com que passe analisar a natureza e as coisas ao seu redor de forma racional.

Na medida em que o progresso de esclarecimento avança, os homens, sob a luz da razão, não superam os mitos, e sua regressão é inevitável. Dessa maneira, o que vem explicar a íntima relação entre o esclarecimento e o mito é o fato de que ele tem origem no próprio mito e encontra seu termo atual na *mitologização do esclarecimento*, ao estagnar-se sob a forma de ciência positiva.

Embora tentasse negar, o homem viu que sua ligação com o mito era bem maior, constituindo-se na dominação geral da humanidade. Como o esclarecimento não foi capaz de colocar o homem na posição de senhor e livrá-los do medo, levou-os para caminhos contrários, da escravidão e da dominação, que, por conseguinte, converteram-se eles mesmos em brinquedos nas mãos da ciência, controlados e administrados pela racionalidade técnica.

A racionalidade técnica tornou o homem ainda mais alienado e refém do poder que alcançou, tanto pelo trabalho quanto pela indústria cultural. O homem está, agora, aprisionado ao sistema de uma dominação cega e triunfante, regulado e conduzido de acordo com os propósitos da indústria cultural.

Com a indústria cultural, surge uma nova aliança de dominação, a ideologia dominante e totalitária, que, por meio de seus mecanismos, favorece a manipulação e a organização da sociedade de forma alienada e totalmente cega, culminando na administração do mundo e na regressão do pensamento.

Com base, pois, nas leituras trazidas à luz nesta pesquisa, é possível perceber os imperativos da administração do mundo e da regressão do pensamento no contexto atual, os quais, por meio do trabalho e da ideologia dominante, continuam revertendo o esclarecimento

em dominação cega, trazendo uma série de problemas de ordem social ao mundo ocidental contemporâneo, caracterizado pelas variadas formas de barbáries que contemplam a era do saber, como guerra, fome, violência e outras atrocidades.

O homem não teve capacidade de aprender a pensar. Na medida em que ocorre seu distanciamento da natureza, perdendo a admiração e o respeito por seus elementos místicos, o homem se julgou mais esclarecido e civilizado, e, no entanto, paradoxalmente sob o signo da racionalidade, o progresso recai na mais triunfante regressão, levando a humanidade a cair numa profunda calamidade jamais imaginada. Em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, o homem está se afundando em uma nova espécie de barbárie, fato marcante na análise feita por Adorno e Horkheimer ao longo da história da civilização.

Dessa forma, é possível considerar que a ciência, tanto em termos de atividade quanto em seu sentido, só favoreceu para promover a *autodestruição do esclarecimento*.

E quando o esclarecimento apodera-se tanto do mecanismo do trabalho quanto do mecanismo ideológico, ganhando forma com a indústria cultural, a regressão culmina numa dominação cega e totalitária na sociedade ocidental contemporânea, levando os indivíduos a assumirem postura mimética, sendo passivos, controlados, administrados e violentados pela logística administrativa da sociedade industrial. O mundo agora passa pelo filtro da indústria cultural, que promove a administração do mundo e a regressão do pensamento.

A sociedade está contaminada por mecanismos e artimanhas da indústria cultural que falseiam a realidade dos indivíduos. Além disso, a interação em sociedade se dá de forma mimética, com indivíduos passivos, submissos, controlados e administrados pela racionalidade técnica do mundo ocidental contemporâneo.

Vive-se a construção de uma sociedade que forma indivíduos genéricos, irracionais e alienados, trazendo sérios problemas no âmbito social e humano, ocasionados pela perda da capacidade crítica a que foram condicionados tanto pelos mecanismos da dominação pelo trabalho como pela ideologia da indústria cultural.

Deste modo, a regressão é tão alarmante no contexto atual que, para o homem moderno, só conhecer não basta, é preciso dominar.

A dominação por meio dos aparatos tecnicistas conduz o homem a uma alienação que o impede de raciocinar sobre as coisas e sobre si mesmo; ele não percebe que vive na era da mercantilização da vida, que é visto como coisa, como um mero objeto. O trabalho subordinado aos aparatos da indústria cultural no mundo administrado, deixando-o impossibilitado de desligar-se da natureza, e escravizado devido sua autoconservação.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. **Dialética Do Esclarecimento**: Fragmentos Filosóficos. Tradução de Guido Antonio Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. **Indústria cultural e sociedade**. Seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida. Tradução de Julia Elisabeth Levy... [et al.]. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **Textos escolhidos**. Tradução de Zeljko Loparic... [et al.]. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção os pensadores).

\_\_\_\_\_. **Mínima Moralía**: reflexionen aus dem beschädigten leben. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1951. Disponível: <http://ghiraldelli.pro.br/wp-content/uploads/adorno-minima-moralia.pdf>. Acesso em 24 out. 2016.

ASSOUN, Paul-Laurent. **A Escola de Frankfurt**. Tradução de Helena Cardoso. São Paulo: Ática, 1991.

BALDESSARELLI, Bruno. NOBRE, Márcio Rimet. **Mito e rito na indústria cultural: a ideologia nos labirintos da linguagem**. Sapere aude: Revista do Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/ BH, ISSN: 2177-6342, v.6 - n.11, p.87-112 – 2º sem. 2015. Disponível em: [periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/download/10030/pdf](http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/download/10030/pdf). Acesso em: 12 fev. 2017.

CORSINI, Marcos Aurélio. **Esquematismo, mimese e falsa projeção: o modo de operação da indústria cultural e suas consequências**. Revista Eletrônica – intuitio, ISSN 1983-4012, Porto Alegre/RS, v.8, n. 1, p. 275-295, jun. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1983-4012.2015.1.18699>. Acesso em: 13 fev. 2017.

CRUZ, Daniel Nery da. **A discussão filosófica da modernidade e da pós-modernidade**. Revista Eletrônica - Μετάνοια, São João del-Rei/MG, n.13, 2011. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/revistalable>. Acesso em: 24 out. 2016.

DUARTE, Rodrigo Antonio de Paiva. **Adorno/ Horkheimer & a dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. (Filosofia passo-a-passo, 4).

DUARTE, Rodrigo. **Teoria crítica da indústria cultural**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. (Humanitas).

EVANGELISTA, João Emanuel. **Teoria social e pós-modernismo**: a resposta do marxismo aos enigmas teóricos contemporâneos. Cronos, Natal-RN, v. 7, n. 2, p. 271-281, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/download/3207/2597>. Acesso em: 24 out. 2016.

FERREIRA, Wallace. **Uma análise revisionista de Adorno e Horkheimer em “A Dialética do Esclarecimento”**. CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais Ano 2, v. 5, dez. 2008. Disponível em: [csonline.ufjf.emnuvens.com.br/csonline/article/viewFile/629/558](http://csonline.ufjf.emnuvens.com.br/csonline/article/viewFile/629/558). Acesso em: 03 nov. 2016.

FIANCO, Francisco. **ADORNO: Ideologia, cultura de massa e crise da subjetividade**. In: Revista Estudos Filosóficos, nº 4 /2010 – eletrônica – ISSN 2177-2967. DFIME – UFSJ - São João del-Rei-MG. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos>. Acesso em: 03 mai. 2016.

FREUD, Sigmund. (1927 -1931). **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Tradução de Jayme Salomão. Ed. Standard Brasileira, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (versão eletrônica da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXI). Disponível em: <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-21-1927-1931.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. (1927). O futuro de uma ilusão. In: **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (versão eletrônica da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXI). p. 3-37.

\_\_\_\_\_. (1930 [1929]). O mal-estar na civilização. In: **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (versão eletrônica da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXI). p. 38-92.

\_\_\_\_\_. (1927). Fetichismo. In: **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (versão eletrônica da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXI). p. 92-98.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: ed. 34, 2006.

HANSEN, Gilvan Luiz. **Modernidade, utopia e trabalho**. Londrina: Cefil, 1999.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Centauro, 2002.

JIMENEZ, Marc. **Para ler Adorno**. Tradução de Roberto Ventura. Rio de Janeiro, F. Alves, 1977.

LÖWY, Michael. VARIKAS, Eleni. **A crítica do progresso em Adorno**. In: Lua Nova: Revista de Cultura e Política. São Paulo, Dez, n. 27, p.201-216, 1992. ISSN 0102-6445. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64451992000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451992000300010). Acesso em: 10 jun. 2016.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. Tradução de Giasone Rebuá. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. Disponível em: [https://cesarmangolin.files.wordpress.com/2011/08/marcuse-a\\_ideologia-da-sociedade-industrial-o-homem-unidimensional.pdf](https://cesarmangolin.files.wordpress.com/2011/08/marcuse-a_ideologia-da-sociedade-industrial-o-homem-unidimensional.pdf). Acesso em: 01 nov. 2016.

MATOS, Olgária. **Contemporaneidades**. São Paulo: Lazuli, Companhia Editora Nacional, 2009.

\_\_\_\_\_. **A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo.** São Paulo: Moderna, 2005. (Coleção logos).

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos.** 4 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção os pensadores).

\_\_\_\_\_. Do capital. In: MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos.** 4 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção os pensadores). p. 33-158.

\_\_\_\_\_. Manuscritos econômico-filosóficos – Terceiro manuscrito. In: MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos.** 4 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção os pensadores). p. 165-214.

MUSSE, Ricardo. **A administração do tempo livre.** Revista de Cultura e Política: Lua Nova, São Paulo, Set/Dez, n. 99, p. 107-134, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-6445107-134/99>. Acesso em: 06 fev. 2016. (versão impressa ISSN 0102-6445 versão Online ISSN 1807-0175).

PERIUS, Oneide. **Esclarecimento e dialética negativa: sobre a negatividade do conceito em Theodor W. Adorno.** Passo Fundo: Instituto Superior de Filosofia Berthier, 2008. (Coleção Diá-Logos 12).

RAMOS, Pedro Hussak van Velthen. **Mimese e verdade no mundo administrado.** In: Revista Poiésis, n. 11, p.25-34, nov. 2008. Disponível em: [www.poesis.uff.br/PDF/poesis11/Poesis\\_11\\_mimverd.pdf](http://www.poesis.uff.br/PDF/poesis11/Poesis_11_mimverd.pdf). Acesso em: 01 jul. 2016.

RUSSELL, Bertrand. **A perspectiva científica.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

SANTOS, Tamires Dias dos. **Theodor Adorno: uma crítica à indústria cultural.** In: Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência – 2º quadrimestre de 2014 – Vol. 7 – nº 2 – pp.25-36. Disponível em: [tragica.org/artigos/v7n2/santos.pdf](http://tragica.org/artigos/v7n2/santos.pdf). Acesso em: 15 abr. 2016.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A atualidade de Walter Benjamin e Theodor W. Adorno.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. (Coleção contemporânea: Filosofia, literatura e artes).

SILVA, Vital Ataíde da. (2007). **Adorno e Horkheimer: a teoria crítica como projeto de emancipação.** UFBA, Mestrado em Filosofia. Salvador. Dissertação de Mestrado, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11480/1/Dissertacao%20Vital%20Silvaseg.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2016.

THOMSON, Alex. **Compreender Adorno.** Tradução de Rogério Bettoni. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes, 2010. (Série compreender).